

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR  
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO



ANA LUISA BARROS CUNHA

**UMA EXPERIÊNCIA NO PAÍS DAS HISTÓRIAS: UM ENCONTRO COM A  
PALAVRAMUNDO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiana Callai de Souza

Santo Antônio de Pádua  
2020

ANA LUISA BARROS CUNHA

**UMA EXPERIÊNCIA NO PAÍS DAS HISTÓRIAS: UM ENCONTRO COM A  
PALAVRAMUNDO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiana Callai de Souza (Orientadora)- UFF

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréa Cardoso Reis - UFF

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mairce Araújo – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lorena Bonomo - UERJ

Santo Antônio de Pádua  
2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C972e Cunha, Ana Luisa Barros  
UMA EXPERIÊNCIA NO PAÍS DAS HISTÓRIAS: UM ENCONTRO COM A  
PALAVRAMUNDO / Ana Luisa Barros Cunha ; Cristiana Callai de  
Souza, orientador. Santo Antônio de Pádua, 2020.  
84 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Santo Antônio de Pádua, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGen.2020.m.16272298765>

1. Contação de Histórias. 2. Literatura Infantil. 3.  
Escrita. 4. Crianças. 5. Produção intelectual. I. Souza,  
Cristiana Callai de, orientador. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto do Noroeste Fluminense de Educação  
Superior. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Sandra Lopes Coelho - CRB7/3389



## AGRADECIMENTOS

DEDICO ESTE TRABALHO ÀS PESSOAS QUE SÃO VOZES MARCANTES EM MINHA VIDA.

À MINHA MÃE AUDREY ALEXSANDRA BARROS, PROFESSORA E INSPIRAÇÃO PARA MINHA PRÁTICA COTIDIANA.

AO MEU PAI LUÍS CARLOS PELO APOIO, CARINHO E BRAÇO AMIGO. AOS DA MINHA CASA QUE SÃO ABRIGO E REFRIGÉRIO.

DEDICO A CADA CRIANÇA QUE PASSOU POR MIM NESSE TEMPO DE MAGISTÉRIO, A CADA SORRISO RELUZENTE E ABRAÇO SINCERO RECEBIDO.

GRATIDÃO ETERNA E DEDICAÇÃO MAIOR.

A DEUS POR TER ME PERMITIDO CHEGAR ATÉ AQUI.

AMÉM!

## SER GRATO ...

Ser grato é perceber que na vida houve espaço para compartilhar...

Foram tantos momentos que nem as marcas do tempo

Nem o caos do esquecimento podem apagar

Mesmo que as linhas não deem conta. E a emoção tome conta

Não me canso em dizer que foi bom ter alguém para dividir, chorar, amar e sorrir.

Gratidão à Deus pelo sustento e razão de tudo que vivi.

Gratidão à Virgem Maria pela intercessão ao qual rogo a minha vida.

Aos meus pais Audrey e Luís por acreditarem em meus sonhos, pois com eles aprendi que amar é uma ação de doação imensurável.

Às minhas irmãs Ana Carolina, Júlia e Helena pelas boas risadas e abraços que fazem essa jornada mais leve.

À minha amiga Rose pelo cuidado e atenção, pois o amor também precisa de cuidados, de palavra e ação.

Ao Instituto de Educação Santo Antônio, escola amiga de ciência e virtude, por me permitir colocar em prática todo meu conhecimento. Agradeço por fazer parte dessa família que há mais de 20 anos vem fazendo a educação Paduana ser melhor.

À cada criança que passou pelo magistério.

À Universidade Federal Fluminense, ao Instituto Fluminense Federal (INFES) a todos os seus servidores e funcionários. Universidade querida, pois na mesma construí muito, onde me graduei e hoje caminho com o meu mestrado. Muita história fizemos juntas.

Agradeço à professora Jacqueline Moraes (em memória), que partilhou um olhar amoroso na banca de qualificação deste trabalho. Professoras Andréa, Mairce e Lorena por ajudar a olhar o que ainda não vimos.

À professora, orientadora e amiga Cristiana Callai por compartilhar essa pesquisa, por me acompanhar nesse tempo, pela compreensão e paciência com meus erros e acertos. Sua presença foi importante para cada olhar certo de provocação e descoberta para desenvolvimento da pesquisa.

Escrevo para eternizar...

Somos acometidos por fatos intermináveis, digo intermináveis os fatos que nos marcam, transformam e vem pra ficar. Simplesmente se gravam em nós. E o que fazer com eles? Muitos são eternizados em fotos, outros ficam soltos pelo ar, alguns viram histórias, essas que contamos quando sentamos para sentir o dedilhar das memórias e há pessoas que querem escrever. Escrever é uma forma de eternizar. Acredito que nós seres humanos, pensantes e cheios de emoção temos receio de cair no esquecimento, queremos sempre dizer e gritar as palavras que estão dentro. Libertá-las é uma missão de estremecer. Buscamos farejar os fatos que nos tombam para dar sentido ao que temos procurado. E assim costuramos histórias. E por isso queremos contar.

(Ana Luísa- 2018).

## RESUMO

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa coletiva, isto é, de um trabalho desenvolvido por muitas mãos, tecido na relação entre adultos e crianças. O fio que nos conecta é a literatura. Destaco a importância da leitura, não como decodificação da palavra e da escrita, mas como processo crítico e emancipatório dos sujeitos. Por esses caminhos encontrei os objetivos que movem a pesquisa: desvelar os caminhos percorridos dessa prática que está sendo gerada, dando visibilidade às histórias ouvidas por mim e criadas pelas crianças; Enfatizar a importância da leitura, não como decodificação da palavra e da escrita, mas como processo crítico da compreensão da leitura do mundo (FREIRE, 1986). Utilizo a metodologia narrativa, em um diário registro as experiências vividas com as crianças nas contações de histórias. Juntos, fomos nos encontrando no país das histórias, ajustando os tempos e os espaços na pronúncia das palavras. Alice foi minha companheira e inspiração, a obra de Carroll assim como Freire, Manguel, Abramovich e muitos outros autores, encontrados e escolhidos que nos acompanharam nesse percurso.

**Palavras-chave:** Palavramundo. Contação de Histórias. Leitura. Escrita. Crianças.



## **ABSTRACT**

This dissertation is the result of a collective research, that is, of a work developed by many hands, woven in the relationship between adults and children. The thread that connects us is literature. I highlight the importance of reading, not as a decoding of words and writing, but as a critical and emancipatory process of the subjects. Through these paths, I found the objectives that drive the research: unveiling the paths taken from this practice that is being generated, giving visibility to the stories heard by me and created by the children; Emphasize the importance of reading, not as a decoding of words and writing, but as a critical process of understanding reading the world (FREIRE, 1986). I use the narrative methodology, in a diary I record the experiences lived with the children in the storytelling. Together, we found ourselves in the country of stories, adjusting the times and spaces in the pronunciation of words. Alice was my companion and inspiration, the work of Carroll as well as Freire, Manguel, Abramovich and many other authors, found and chosen who accompanied us on this journey.

**Keywords:** Word world. Storytelling. Reading. Writing. Children.

## SUMÁRIO

|     |  |    |
|-----|--|----|
| 1   | <b>UMA AVENTURA ATRÁS DO COELHO BRANCO</b> .....   | 11 |
| 2   | <b>O ENCONTRO COM O GATO E AS SURPRESAS DO CAMINHO</b> ....                                      | 20 |
| 2.1 | <b>A espreita dos fatos: o momento do registro</b> .....   | 22 |
| 2.2 | <b>Tia, como se escreve?</b> .....   | 25 |
| 2.3 | <b>Do Eu para Nós: A pesquisa é encantada pela voz dos sujeitos</b> .....                        | 29 |
| 2.4 | <b>Com as surpresas do caminho a pesquisa narrativa aparece</b> .....                            | 30 |
| 3   | <b>É HORA DO CHÁ</b> .....   | 34 |
| 3.1 | <b>A história entra na roda</b> .....  | 34 |
| 3.2 | <b>Tia, eu não sei assobiar</b> .....  | 37 |
| 4   | <b>UM PASSEIO CURIOSO NA FLORESTA</b> .....  | 43 |
| 4.1 | <b>Tia, conta sem o livro</b> .....  | 52 |
| 4.2 | <b>O poder das palavras: o ato de contar e ler histórias</b> .....                               | 58 |
| 5   | <b>As descobertas da palavra mundo entre leitores narradores</b> .....                           | 58 |
| 5.1 | <b>A leitura de mundo através dos olhos de Alice</b> .....                                       | 60 |
| 5.2 | <b>As espiãs</b> .....   | 64 |
| 5.3 | <b>Nossas viagens, nossas histórias</b> .....  | 64 |
| 5.4 | <b>Contar para dormir</b> .....  | 67 |
| 5.5 | <b>Vou desenhar uma história: O Alien, o E.T e o robô</b> .....                                  | 72 |
| 6   | <b>A CHEGADA SEMPRE É PARTIDA E AMBAS SÃO ENCONTRO: O<br/>DESPERTAR DO SONHO ENCANTADO</b> ..... | 75 |
|     | <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 78 |
|     | <b>ANEXOS</b> .....  | 81 |

## LISTA DE FIGURAS

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| Figura 1 –  | Alice e o mágico encontro com o gato .....                                 | 22 |
| Figura 2 –  | Emily e Eu. Emily – 4 anos .....   | 25 |
| Figura 3 –  | Alice atrás do coelho prestes a entrar no buraco.....                      | 28 |
| Figura 4 –  | Alice, o coelho e o chapeleiro em uma mesa de chá.....                     | 36 |
| Figura 5 –  | Cachinhos Dourados entrando na casa do urso - Arthur de 5 anos             | 48 |
| Figura 6 –  | Alice e o coelho viajando no tapete mágico no mundo das<br>histórias ..... | 60 |
| Figura 7 –  | “As espiãs” .....  | 62 |
| Figura 8 –  | Releitura da capa do livro Chapeuzinhos Coloridos .....                    | 65 |
| Figura 9 –  | Chapeuzinhos Coloridos .....   | 66 |
| Figura 10 – | Chapeuzinhos Coloridos .....   | 67 |
| Figura 11 – | Contar para dormir .....   | 69 |
| Figura 12 – | O Alien, o E.T e o robô.....   | 73 |

## 1. UMA AVENTURA ATRÁS DO COELHO BRANCO

“Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado de sua irmã e não ter nada para fazer: uma vez ou duas ela dava uma olhadinha no livro que a irmã lia, mas não havia figuras ou diálogos nele e “para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”(CARROLL, 2010, p.2).

Nesta pesquisa, percorro um caminho onde os rios são coloridos, as pedras têm sabor, o sol sorri, a chuva faz cócegas... Ursos enormes falam e tentam me assustar. Em vão. Seu olhar me lança para um longo e demorado abraço. As fadas madrinhas passeiam voando em um constante vai e vem. Gatos, com seu modo dengoso, sorriem para os que se achegam.

Os leões? Morrem de medo do homem que se veste de lata. Mundo extraordinário! Fantasiado! Encantado! Lugar onde o real se veste de luz e de pura magia. Adentre. Fique à vontade. Eis meu mundo mágico: mundo da contação de histórias!

Sou como Alice, personagem do conto fantástico *Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll*, curiosa, atenta, sobretudo, corajosa. Assim como Alice, me arrisco a correr atrás do coelho trajado com colete e possuidor de um enorme relógio e... “TUMMMM!!!”- Estou no mundo do faz de conta, entretanto, diferente de Alice convivo com personagens corriqueiros da vida real.

Alice, embora esteja no país das maravilhas, se depara com personagens que representam muito os comportamentos comuns do cotidiano. Pode ser que ao longo desta narrativa, esses personagens desponham por aqui, saltitando, acenando, ou quem sabe, apenas sorrindo para você. Homens e mulheres passam por experiências que, quando silenciadas, são esquecidas, mas, que, se forem despertadas, poderão iluminar e facilitar o caminho para novos viajantes (MORAIS, 2002).

Não posso silenciar esta experiência em alguma gaveta dentro de mim. Preciso narrá-la para que ela não se apague no processo de esquecimento. Quero que minha experiência sirva de inspiração, acenda outras histórias, deixe marcas. Por isso a escrevo. Larrosa (2016) lembra que é importante nomear o que realizamos em educação ou na vida em geral como uma espécie de técnica aplicada; *práxis* reflexiva. Correlacionamos vivências e palavras. Nomeamos para dar sentido ao que sentimos, ao que somos, como vivemos e a maneira como vimos os fatos.

Registro o caminho dos meus afetos pela contação de histórias, visito minhas memórias de criança e sonhos repletos de entusiasmo que deram força para trilhar o caminho até o buraco mágico e o mundo das maravilhas. Foi inusitado! Essenciais para chegar a essa escrita. Com o

sabor de infância prossigo meus primeiros passos como professora, meu encontro marcante com a literatura e com as crianças.

Iniciei minha pesquisa de campo com a minha primeira turma como docente no ano de 2018 e com minha segunda turma de 2019 em uma escola da rede privada de Santo Antônio de Pádua, no Instituto de Educação Santo Antônio- IESA, com a turma de Pré- I, crianças de 4 a 5 anos.

Por esses caminhos encontrei os objetivos que movem a pesquisa: desvelar os caminhos percorridos dessa prática que está sendo gerada, dando visibilidade às histórias ouvidas por mim e criadas pelas crianças; Enfatizar a importância da leitura, não como decodificação da palavra e da escrita, mas como processo crítico da compreensão da “leitura do mundo” (FREIRE, 1986,p.11).

No cotidiano da sala aula entre uma contação e outra encontrei o não visto das histórias pessoais desses pequenos autores. Narram sua relação com a “palavramundo”, mesmo sem decodificar a palavra escrita, narram através de histórias criadas e contadas pelos mesmos.

É preciso ter uma compreensão crítica do ato de ler, sem que se esgote na decodificação da palavra ou da linguagem escrita, mas que se estenda e se amplia até a inteligência do mundo na medida em que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Desse modo, linguagem e realidade se complementam de modo dinâmico (FREIRE,1986).

Para explorar a “palavramundo” (FREIRE,1986) todos os dias nos sentávamos em roda e contávamos histórias e também nossas novidades. E se por acaso acontecesse de alguma história nova nascer, a recebíamos com alegria. A prática corriqueira de contar histórias sempre foi geradora, algo sempre acontecia, entre mim e as crianças; compartilhamos muitos sorrisos e descobertas nas rodas de todos os dias. Como salienta Morais (2002, p.85) sobre a prática de contar e ler histórias para crianças desde bem cedo: “é cumprindo a sina de todo professor e professora: apaixonar seus alunos e alunas pelo mundo da narrativa”.

Intensa paixão que carrego comigo pela narrativa antes de ser professora, as histórias eram minha “palavramundo” (FREIRE,1986), comecei a ver o que estava ao meu redor pelas lentes da narrativa, gerou sentido essa experiência que a percebo em minha sala de aula, e hoje posso compartilhar com as crianças. Os sujeitos que costumam e perpassam a minha relação com a educação nas linhas deste trabalho possuem voz e têm autêntica fala, fazendo acontecer a escrita.

A descoberta da pesquisa me impulsionou a seguir caminhos únicos. O acontecimento do cotidiano traz as surpresas e as novidades contadas pelos sujeitos, aguçando cada vez mais meu olhar de pesquisador. Os acontecimentos tomam conta dos pensamentos e sentimentos de

todos os envolvidos e, às vezes, nos fazem mudar de direção. Mudam-se os planos e as rotas. O desconhecido me espera. Os passos agora habitam na incerteza da imaginação. Para onde este caminho novo pode me levar? De repente, algo acontece como com Alice ao ver um coelho branco de olhos cor-de-rosa passar na sua frente. Ela não demonstrou espanto ao ouvi-lo dizer a si mesmo que estava atrasado. Entretanto, foi só ele retirar do colete um relógio e consultar as horas que ela se levantou (CARROLL, 2010).

Assim como Alice no país das maravilhas, com sua meninice radiante, curiosidade excessiva, com a cabeça nas nuvens e imaginação cheia de encanto, desde criança me percebia no mundo. Era uma menina muito questionadora e com um entusiasmo grande em descobrir as palavras e degustar as histórias.

Filha de uma professora contadora de histórias, sempre que podia eu a acompanhava, era um passeio mágico pelas escolas onde lecionava. E mesmo que ficasse no canto desenhando ou brincando enquanto a aula acontecia, sempre ficava atenta a tudo que estava a minha volta.

As idas e vindas das escolas, entre uma contação e outra, toda emoção fez adentrar ao mundo da palavra mágica das histórias. Este mundo é o da contação de histórias e foi descortinado para mim, quando eu ainda era criança, por minha mãe. Ao ouvi-la me transportava para lá. Lugar colorido e encantado, onde a palavra do faz de conta é a chave dourada que abre todas as portas desse lugar mágico. Estava sempre à espreita das histórias. O meu coelho branco de paletó e relógio que me instigava a entrar no mundo da fantasia acredito que foi ela: a professora Audrey. Eu a encontrei, fui tomada pela sede do descobrir o mundo maravilhoso das histórias e, por isso, fui ao seu encontro.

Minha mãe foi meu primeiro mundo em palavras, antes de ser alfabetizada com as letras, fui alfabetizada pela voz dela. Fui inundada. Desde pequena era uma boa ouvinte, pois quase todo o dia ela me apresentava uma nova história. A maleta era o segredo, com muitas fitas cassetes, as rimas as povoavam, os personagens em meio às falas e sussurros cantavam o enredo. Entre elas estavam Rapunzel, Branca de Neve, a Festa no Céu, mas a que eu mais gostava era da menina dos caracóis de ouro. Ligávamos e sentávamos na cama e ali ficávamos a degustar a Mãe, a história e eu vivendo a história.

Isto porque o primeiro contato da criança com o texto é oral, ou seja, pela voz da mãe, do pai ou dos avós que contam com alegria contos de fada, histórias da bíblia ou, simplesmente, histórias que eles inventam, livros atuais e pequenos, poemas com rimas entre outros marcam pelo contato, carinho e, na maioria das vezes, cria-se uma atmosfera de aconchego, à noite, antes de dormir com beijos e abraços (ABRAMOVICH, 1989).

O que eu mais gostava de ouvir era a voz singular, isto é, a maneira como contava e as expressões que saltavam de seu rosto. De tanto escutar eu já sabia contar quantas vezes fosse preciso. Era o nosso momento do encontro. Recorro a elas para aludir ao tempo em que eu vivia a ouvir histórias contadas, repetidas, mas nunca reiteradas. Era sempre inaugural, a ondulada voz, as altas risadas, a troca de olhares e a cara de mistério. As falas e as músicas alegravam-me, pois tudo estava cheio de encanto. Conseguia imaginar ao brotar das mágicas palavras tão conhecidas.

As memórias eram da melhor contadora de histórias que já conheci. As palavras eram magicamente compostas de aventuras, imaginação e muito afeto, pois eu mesma ao ouvir as histórias, recontava-a em meu interior.

A relação com as histórias deu-me confiança não somente para recontar narrativas de personagens distantes, mas compreendi que posso contar a narrativa da minha vida também e que ela se tornara uma espécie de história mágica quando com aventura e encantamento. Fatos sobre mim e minhas descobertas. Ainda pequena entendi que posso ser autora, posso criar as minhas histórias.

Gostava de me imaginar como as personagens e me sentia como uma princesa com um lindo vestido rodado para dançar no grande baile de gala nos palácios. Me via andando pela floresta, muito destemida para explorar lugares desconhecidos, entrando nas casas de bichos sem ser convidada e comia todo o mingau que podia. Como era engraçado: podia cair na gargalhada sozinha. A graça estava em habitar nas histórias, não só escutar, contar e criar, mas viver com os personagens.

Essa experiência me remete à “leitura ouvida” de Manguel (1997), ao lembrar das histórias contadas docemente por sua babá na hora de dormir. As histórias embalavam seu sono, ora o fazia ninar levemente, ora ficar entusiasmado com tantas aventuras em uma espécie de excitação febril. Ser simplesmente levado pelas palavras para algum lugar maravilhosamente distante, talvez na surpreendente última e misteriosa página do livro (MANGUEL, 1997).

O momento da história com minha mãe gerou uma espécie de marca profunda em minha mente, pois como ressalta Larrosa (2016) “as palavras fazem coisas conosco”. Sim, elas marcam momentos. Se fecho os olhos posso me lembrar da cena de minha mãe lendo para mim, da tonalidade expressiva do seu “Era uma vez”, sempre acompanhado de um sorriso e um olhar que demonstrava alegria de estar ali conhecendo e recontando muitas histórias. Manter essa lembrança viva é cultivar minha relação com o mundo da fantasia, as histórias mágicas do faz de conta, com personagens tão únicos que nunca irei esquecê-los.

Assim como Manguel (1997) relata seu habitar nas histórias, uma relação única e inseparável, me vejo em suas palavras, compartilho com ele o mesmo olhar dessa relação autêntica em habitar as histórias. Nessa relação, se descortinava o mundo maravilhoso da leitura, onde me permiti ser capturada. Era muito mais do que passar as páginas: o encantamento saltava do papel em forma de letras. Cada leitura se revelava um verdadeiro presente embrulhado em um papel reluzente, adornado com um laço de acontecimentos inusitados.

Nesse sentido, o mundo que se apresentava no livro e suas centenas de possibilidades, estavam ali, à mão do leitor. Era possível ultrapassar a leitura; habitar, morar entre uma linha e outra (MANGUEL, 1997).

No decorrer da jornada docente de minha mãe, eu a acompanhei em muitas contações de história, nas escolas, nas praças, na igreja e no teatro. Era como correr atrás do coelho branco por muitos lugares onde ele passava. Junto a ela já vivia o cotidiano de uma professora contadora. Cada passo, lugar e ocasião era um clarão de novidades que se formavam no mundo maravilhoso das palavras em minha e “leitura” se tornava mais colorida (CARROLL, 2010).

A ousadia de ir sem reservas atrás do coelho me tomou, da mesma maneira que as histórias me levavam e, assim, eu me movia atrás delas para o mundo maravilhoso da leitura. Foi um movimento profundo de liberdade sem saber o que elas poderiam provocar em mim. A pressa do coelho era atrativa, como as palavras de minha mãe a contar. Sei que as palavras me levavam a “ouvir e sentir e enxergar com os olhos do imaginário” cada detalhe da história. (ABRAMOVICH, 1989).

Nesse movimento, palavras provocavam em mim sentimentos difíceis de conter: alegria, angústia, medo, era um misto de tudo; as palavras faziam algo. Pude viver a ação delas, como afirma Larrosa ao dizer que acredita no poder das palavras e no que elas podem fazer conosco. Era como flutuar no buraco onde Alice caíra (LARROSA, 2002).

Uma vez apresentada ao mundo maravilhoso da literatura, da contação de histórias nunca mais quis sair dele. Recebi o “tremor” do inesperado de cair no buraco do coelho apressado, aconteceu a experiência, fui tocada, pois a experiência “nos toca” (LARROSA, 2016). O encontro gerou transformação. Foi experiência, como Larrosa “a experiência é uma paixão” (2016, p.28). Foi intensa! As experiências cotidianas de ir à escola e o mundo fugaz das histórias se encontraram e decidiram seguir juntos. Sintonia única, tocaram e aguçaram meus sentidos e sentimentos, se tornaram uma parte de mim. Assim segui meu caminho e aprendi que quando se anda pela vida é preciso estar inteiro como quando Alice foi engatinhando na toca que parecia um túnel e sentiu o chão faltar debaixo de suas mãos e também de seus joelhos (CARROLL, 2010).



A toca era misteriosa e eu, como Alice, não hesitei. Entrei. Intenso e lento era meu cair. Com os pés a flutuar, o mundo se movia cada vez mais fundo, outras formas de ver a histórias no mundo se apresentavam e mais colorida se tornava a “leitura”. No Colégio de Pádua participei de musicais infantis. Esta oportunidade surgiu na escola e fui protagonista dos musicais nos quais dançava, cantava, tocava violão e interpretava.

Desbravei mais uma aventura, só que dessa vez, acompanhada por meu violão, que trouxe um tom musical às minhas interpretações e me fez enxergar o mundo das histórias mais melodioso. Pude perceber que as histórias poderiam assumir a musicalidade que gostaria de dar a elas. Subia no palco e o personagem ganhava vida através dos meus sentimentos. Interpretei a noviça rebelde” (Robert Wise, 1965) e o “O mágico de Oz” (Lyman Frank Baum, 1856). Assim como para Larrosa (2016) a experiência se “apodera” e nos faz sentir seus “tremores”, tremores que ressoam e se transformam em “canto”.

Cantos de subjetividade, de vida e histórias me permeavam. Quando subia no palco havia a curiosidade de Alice pulsando, a voz da mãe a contar histórias e a sede do inesperado, tudo isso ao mesmo tempo, era uma explosão de cantos, afetos e lembranças que me fizeram cair mais fundo na experiência com as histórias como Alice quando o túnel virou um poço e ela caiu lentamente em um buraco escuro. Parecia que flutuava. Com a luz que entrava no poço, o inesperado aconteceu: Alice viu estantes de livros e cristaleiras cheias de louças (CARROLL, 2010).

O túnel virava poço. E mais profunda essa viagem da vida se tornava, assim como a viagem de Alice, profunda e cheia de descobertas. Um poço fundo e cheio de livros. Tão inusitado! Essa viagem me levou a conhecer a Universidade Federal Fluminense, com seus teóricos e autores.

A expectativa tomava conta. Nossa! Estava me tornando professora e continuei a explorar o mundo da Literatura e da Arte. Fui a primeira estagiária da Brinquedoteca, sala com cores de arco-íris, do curso de Pedagogia do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior- INFES /UFF , com a professora Cristiana Callai e juntas elaboramos teatros musicais “Cachinhos dourados”; “Frozen: uma aventura congelante” e “Emília, a boneca gente: a inclusão das diferenças”, realizados pelos discentes matriculados na disciplina Brinquedoteca. Queríamos experimentar o lúdico.

Cada história transformada em encenação e muita música. Educação e Arte ganharam rosto, cor e tonalidade. As aulas viraram um grande palco de encantos, costuramos as roupas, ensaiamos as falas. Compartilhamos muita emoção no dia das apresentações com as crianças das escolas Municipais de Santo Antônio de Pádua. Foi único e inesquecível. Quantas questões

e lembranças apreciam em minha mente, difícil de segurá-las. Como Alice, questioneei quantos quilômetros eu já havia caído/ percorrido. Também falei comigo mesma (CARROLL, 2010).

Que viagem! Não sabia onde a corrida atrás do coelho poderia me levar. Corri, entrei e caí no mundo mágico da contação de histórias. Me belisquei muitas vezes pra ver se não estava dormindo, esfreguei os olhos para ver se não era miragem. Cai em mim. Não era um sonho encantado como o de Alice. Descobri o segredo! Era minha “leitura do mundo” (FREIRE, 1986) que estava se formando magicamente com um embalar literário, vivi tantos momentos marcantes, pois minha história de vida estava atravessada pelas mágicas palavras do imaginário. Foi um suspiro em meio a tantos pensamentos, descobri a arte de sonhar com palavras. Como?!

A partilha da palavra acontece em todos os momentos, mas de forma muito específica, na roda da novidade, a mesma se configura no dizer para conhecer, no momento da contação de história e musicalização. Na roda a “palavramundo” se acentua em tom de novidade, a palavra se abre a propagar o que cada sujeito vive, deseja e conhece.

A proposta das rodas da novidade era deixar o ambiente agradável para que acontecesse da melhor forma esse encontro com a palavra. Afinal, ouvir histórias não é apenas ser alfabetizado ou não (ABRAMOVICH, 1989). Ouvir, contar e criar, mesmo sem dominar a grafia é parte da arte comunicativa, pois a leitura e a escrita não se restringem ao grafismo das letras e a junção das palavras, a leitura vai além...

A leitura não é subordinada à alfabetização. Ela ultrapassa a técnica; cria uma habilidade e uma necessidade comunicativa, entre sujeitos e entre sujeito e objeto. Isto por quê a visão que cada um tem da realidade é construída socialmente pelo uso da linguagem, por adultos e crianças (OSTETTO; ALBUQUERQUE; PARREIRAS; SILVA, 2018).

Contar histórias e recontá-las fazem parte de quem somos. Por elas movemos nossa cultura através da linguagem, perpetuamos costumes e lemos o mundo. A experiência dialógica se passa na constituição do sujeito. Como enunciam as autoras a linguagem nasce a partir da interação social dos sujeitos.

A linguagem advém do convívio em sociedade e, através dela, acontece a constituição simbólica de um determinado conjunto social pela oralidade e pela escrita. A linguagem está inundada por singularidade de expressões, hábitos, crenças e modos diferentes de lidar com a palavra. Por meio das lentes da linguagem a leitura do mundo se forma, e com ela se deriva a expressão do que somos, nossa cultura, assim a leitura do que nos rodeia se torna mais palpável.

A linguagem é uma construção, isto é, não é natural. Ela tem sua origem na vida em sociedade e na interação. Se modifica através de interferências e inovações culturais e

temporais. É a linguagem que apresenta e explica o mundo, que enumera suas características, que apresenta e nomeia valores, crenças, tradições, memórias e experiências coletivas. (OSTETTO; ALBUQUERQUE; PARREIRAS; SILVA, 2018).

A partir dessa percepção a leitura se manifesta como “acontecimento da linguagem”, permeada de “historicidade”, os acontecimentos dão vida e contexto singular para a leitura do mundo dos sujeitos. Toda essa marca cultural muitas vezes não está escrita em palavras, mas se configuram em hábitos de um grupo, caracterizando seu modo de vida e de pensar, fecundam hábitos e “instauram sentidos” (OSTETTO; ALBUQUERQUE; PARREIRAS; SILVA, 2018).

Sentidos marcados pela autenticidade de cada época. Lemos o mundo pelo colorido de ideias e fatos que ele nos oferece, pintamos a vida cotidiana. Nos deslumbramos com o pensamento de Freire (1984) de que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra.

Ao ler o pensamento de Freire sobre a leitura da “palavramundo” o vislumbro na prática cotidiana de minha pequena sala de aula. Viajamos pelo mundo sem sair do lugar, conhecemos lugares distantes e novidades todos os dias. Revestidas de vida e olhos curiosos a fome do conhecimento toma uma dimensão estética.

Pronta para pular da imaginação das crianças a vontade de conhecer e contatar a vida se torna histórias, tomam forma de desejo, de brincadeiras e de letras. Às vezes, são narradas entre um cochicho e outro. Como é doce o saber da inventividade. É narrando a existência e suas relações que aprendemos a arte de fazer educação, no encontro das vidas, ampliamos os espaços e pensamentos, com isso “não podemos duvidar de que nossa prática nos ensina” (FREIRE, 1986).

É no saber ouvir, no encontro das alteridades que alargamos a ciência em cada descoberta de novas leituras de mundo, pois não podemos delimitar a vida e o olhar que os seus sujeitos têm dos fatos que os acontecem. O pesquisador se lança na pesquisa, esta que move seu interesse de desvendar os fatos, ali há muito de pesquisador e do que se pesquisa, são parte um do outro, dividindo um caminho científico a ser trilhado. Dialogo com minhas memórias, mergulho na “Experiência” (LARROSA, 2016) que o cotidiano da Educação Infantil me oferece todos os dias.

A experiência é a base, a referência para docentes e educandos. É nela que professores e alunos constroem sua identidade e humanidade. Há um encontro constante de histórias, de mundos, de vivências (MORAIS, 2002).

Compartilho nesta pesquisa as leituras de mundo descritas nas histórias criadas por crianças. Os sujeitos que habitam o cotidiano de nossa têm voz e dialogam com suas descobertas. Narro fatos que me acometeram nesse processo formativo. Encontro a pesquisa e

me permito desenvolver a sensibilidade de tocar nas surpresas que o cotidiano escolar proporciona. Através do mundo mágico das aventuras que o encantamento permeia cada letra escrita nas páginas a seguir...

**Uma aventura atrás do coelho branco** – Caí no mundo fantástico das histórias como Alice a perseguir o coelho branco. Através de minhas memórias de infância e minha vida escolar narro meus atravessamentos e encontros com as mágicas palavras do ato de contar. Chego à pesquisa para descobrir junto com as crianças a leitura da “palavramundo” (FREIRE,1986) e a partir dela a arte de inventar e narrar histórias.

**O encontro com o gato e as surpresas do caminho** – Quando estamos à procura de aventura procurarmos o caminho e podemos ser surpreendidos com encontros inusitados, que nos ajudam a compreender que direção tomar. Como Alice foi surpreendida pelo gato de longo sorriso, posso dizer que a imprevisibilidade do cotidiano me apontou a direção a seguir. Neste capítulo há um encontro com a metodologia narrativa, discuto com autores e a experiência acontece.

**É hora do chá:** Uma boa mesa de chá é como uma roda da novidade da Educação Infantil é fonte de “diálogo” (FREIRE,1987), foi o que Alice me ensinou ao encontrar o chapeleiro e o coelho branco em uma mesa de chá. Assim a história entra na roda. A roda de diálogo que é momento de único de troca com as crianças, instante de descobertas, de muita contação de contação histórias, lugar gerador da palavra, onde o silêncio e as vozes entram em sintonia fazendo o mundo da Educação Infantil bailar.

**Um passeio curioso na floresta: “Tia conta sem o livro”:** Me dedico a dar uma resposta a essa afirmação perturbadora e seus efeitos causados na prática de contação de histórias.

**Eles são ouvintes, mas também são narradores: uma viagem no tapete mágico com autores:** Subimos no tapete mágico e desfrutamos do belo percurso a conhecer histórias criadas por crianças, suas leituras e repostas autorais, me proponho a conversar com elas seus anseios e descobertas, juntos descortinamos a “palavramundo” (FREIRE,1986) descrita em suas histórias.

**A chegada sempre é partida e ambas são em encontro: o despertar do sonho encantado:** Nessas linhas narro minhas experiências com a pesquisa, rememoro os tremores vividos no cotidiano. Não posso dizer que é o fim da aventura, ou o acordar do sonho encantado, mas é o começo de mais uma nova história.

## 2. O ENCONTRO COM O GATO E AS SURPRESAS DO CAMINHO

O gato apenas sorriu quando viu Alice. Ele parecia bem natural, ela pensou, e tinha garras muito longas e muitos dentes grandes, assim ela sentiu que deveria tratá-lo com respeito. “Gatinho de Cheshire”, começou, bem timidamente, pois não tinha certeza se ele gostaria de ser chamado assim: entretanto, ele apenas sorriu um pouco mais. (CARROLL, 2010, p.59).

Depois de cair no buraco e conhecer o mundo maravilhoso da fantasia, tudo era surpreendente! Assim como Alice, eu estava surpresa, pois muitas emoções me atravessavam. Seguia os rastros do coelho branco, mas, às vezes, o perdia de vista. Sem desistir, segui à procura do meu próprio caminho.

Era início do ano letivo; um novo ano sorria para mim e as aulas já estavam prestes a começar. Era minha primeira experiência como docente de uma classe. Nas semanas anteriores passei todos os dias me preparando para o encontro com os alunos. Muitas expectativas pulsavam. Não sabia como seria o nosso primeiro encontro, mas sabia que todo planejamento era uma parte importante para pensar a formação de nosso cotidiano escolar.

Se compreender que educar é acompanhar, com atenção, os novos em seus começos e em sua imersão no mundo, não há nenhuma dúvida de que os modos como organizamos a vida cotidiana nas instituições educacionais têm grande importância são como elemento fundamental de uma pedagogia não têm como se enraizar em concepções de educação que estão atentas apenas às normas, às transmissões de conteúdos e às avaliações. (BARBOSA, 2013, p. 214).

Como minha formação foi marcada pela experiência com as histórias, fui “tocada” Larrosa (2016) por elas de maneira única; desejei levar essa prática de contar histórias e de degustar a leitura para minha sala de aula, pois sei que a leitura não é apenas juntar letras e decodificar palavras, mas é apresentar novas “leituras de mundo” (FREIRE, 1986) sem sair da sala de aula.

A seguir apresento um trecho do meu diário- Diário de uma professora contadora- em que registro minhas experiências docentes:

Ao assumir o contrato com a escola, meses depois passei no mestrado. Dois caminhos novos estavam se formando. Expliquei à direção da escola que faria minha pesquisa na regência de minhas aulas. A princípio meu olhar estava posto em minha prática

como professora contadora. Fitava em como o método de contação de histórias poderia influenciar no aprendizado das crianças. De maneira que o aprendizado se tornasse mais significativo, lúdico e estético. Em meu primeiro dia de aula, junto com meu primeiro dia em campo, pude perceber o desafio cotidiano de uma professora de educação infantil. Me preparei para contar uma história, mas ao começo foi difícil acalmar as lágrimas das crianças que choravam com saudade de suas mães. Sentamos em roda para apresentar e dar as boas-vindas. Para acalantar as lágrimas, me demorei nos abraços, mas também peguei meu violão e cantei para começar a história. As lágrimas se transformaram em sorrisos. Então comecei a contação da história da folha de papel que queria ser um barquinho. Ia dobrando a folha e falando versos da história, até a dobradura se transformar em um belo barco. Nossa! As crianças vibraram quando a então se transformou em um barco. Depois cantamos mais um pouco com o vilão. E assim seguiu minha primeira experiência de contação de histórias em campo (DIÁRIO DE UMA PROFESSORA CONTADORA, 05 de fevereiro de 2018).

Estava à procura de caminhos que pudessem me levar a aventuras que somente esse mundo mágico poderia me oferecer. Sentia medo, às vezes, pois sei que lidar com o inédito é correr riscos de viver o inesperado. Já estava nessa terra da fantasia. E agora? Agora é conhecer e explorar. Depois de conhecer pássaros falantes, e uma lagarta que dá conselhos e outros animais que nunca vi antes, ainda não era o bastante. A única solução era procurar outro caminho.

Ao continuar o caminho olhei para uma árvore e avistei um longo sorriso. Nunca vi animal como aquele. Me aprecia familiar, mas cheguei perto para conferir. Seus olhos piscavam e estavam acesos como estrelas reluzentes. As garras eram imponentes, e ele estava deitado em um galho. Ora essa! era um gato. Em toda minha vida nunca vi gato tão único como aquele.

Acredito que o sentimento de surpresa que o encontro com o gato trouxe a Alice que se afinava com o meu. A minha surpresa ao me deparar com meu cotidiano na escola, era como se deparar com o gato sorridente, pois junto às crianças dávamos boas risadas com as brincadeiras. Entretanto, era tão desafiador quanto todo o processo de aprendizado. Como Barbosa (2013), penso o cotidiano como lugar do extraordinário, da minúcia e do acontecimento: “O cotidiano como lugar do ritual, do repetitivo, mas que escuta o extraordinário que existe no dia a dia. O cotidiano é onde se aprende a ver a beleza das pequenas coisas” (BARBOSA, 2013, p. 219).

Eu já estava realizando uma pesquisa qualitativa e a sala de aula era meu estudo de campo e, junto a tudo isso, eu deveria ter um caminho metodológico a seguir. Por isso, estava atenta os sinais e às descobertas para tomar a decisão de qual caminho tomar.

Sentia-me indagada pela mesma pergunta que Alice fez ao animal felino. O estar na sala, ver as crianças como sujeitos, me provocou tal pergunta.

O senhor poderia me dizer, por favor, qual caminho devo tomar para sair daqui? Isso depende de onde você quer ir, respondeu o Gato. Não me importo muito para onde...,

retrucou Alice. Então não me importa o caminho que você escolha, disse o Gato. “... contando que dê em algum lugar”. Alice completou. “Oh você pode ter certeza que vai chegar”, disse o Gato, se você caminhar bastante”. (CARROLL, 2010, p.59).

Figura 1: Alice e o mágico encontro com o Gato.



Fonte: Arquivo pessoal. Presente de minha irmã Júlia de 8 anos. 2020.

No caminho a ser percorrido, muitas escolhas foram feitas. Uma delas foi pelos desenhos da minha irmã e de alguns alunos para ilustrar os encontros com Alice na medida em que a contação de histórias motiva, convida a criança a expressar suas ideias da história através do desenho e das cores. Cada detalhe (BARBOSA, 2013).

## 2.1 A ESPREITA DOS FATOS: O MOMENTO DO REGISTRO

As questões que me habitavam eram inúmeras. Me refugiava em questões e pensamentos como os de Serpa, para apontar o caminho, mas não era simples assim, eu precisava viver. As repostas que eu procurava vieram com o passar dos dias em sala com as crianças.

Como são tecidas nossas escolhas? Como os caminhos que percorremos nos levam a lugares e saberes tão diferentes? Como vamos ao longo dos anos nos tornando os sujeitos que somos, lendo o mundo dos lugares que lemos? Como nossa história nos traduz, nos inspira, nos move? (SERPA, 2011, p.7).

Não poderia deixar de escutar a cada criança e viver intensamente. Com minha primeira experiência no magistério e, recém-chegada da universidade, estava com o faro de pesquisadora apurado. O cotidiano era um mundo mágico e único a ser descoberto. Me sentia desafiada em meio a esse novo, pois “A pesquisa **com** o cotidiano torna-se, então, um exercício de reconstrução de significados”. (SERPA,2011, p.7).

Era um desvendar contínuo o mundo de números, letras, mas principalmente a leitura da “palavramundo” (FREIRE, 1986) através das histórias. E quando via as leituras de mundo das crianças em suas falas, atos e histórias, eu as anotava. Tinha medo de esquecer descobertas únicas. Por isso, registrava os fatos que me marcavam em meu diário, pois “registrar é deixar marcas. Marcas que retratam uma história vivida” (WARSCHAUER, 2002, p.61).

O registro era uma das maneiras de manter minha memória viva, pois em meio a tantas atividades realizadas no cotidiano sentia-me receosa de esquecer “as pequenas coisas” (BARBOSA, 2013) que só o pesquisador do cotidiano procura, o não visto, o detalhe e a minúcia do processo de aprendizagem.

O registro permite que vejamos a historicidade do processo de construção dos conhecimentos, porque ilumina a história vivida e auxilia a criação do novo a partir do velho. Oferece segurança porque relembra as dificuldades anteriores e a sua superação, dando coragem para enfrentar novos desafios e dificuldades, que, como as anteriores podem ser superadas. (WARSCHAUER,2002, p.61).

O movimento do registro acontecia ao fim da aula, pois me colocava à espreita de momentos inéditos, das histórias mais lindas que as crianças criavam. Havia um lugar para o diário, guardava-o sempre em minha gaveta da mesa, para que se algo acontecesse ele estaria ali: pronto para as mãos narrativas.

Quando as carteiras ficavam vazias, os murmúrios e risadas altas iam embora ao tocar do sinal começava o momento para escrita no diário. Mas, confesso que nem sempre haviam fatos que eu conseguia registrar, pois o cotidiano é sempre inaugural e surpreendente. Não podemos controlá-lo. Trata-se apenas de viver uma experiência com o imprevisível (LARROSA, 2016).

Ao escrever a narrativa sobre o momento do registro no diário, me reporto à obra de Warschauer (2002) em que narra sobre o momento do registro em sala de aula. Converso com



essa autora, pois encontro evidências reais e comuns às memórias de meu espaço-tempo do registro:

Este espaço-tempo para a escrita da “leitura” do vivido auxilia a observação e a reflexão porque, a partir das vivências expostas no papel, é possível adquirir certa distância delas, necessário para o ato reflexivo. Vê-las “de fora” auxilia, por exemplo, na percepção do significado que está “por trás” de algumas brincadeiras ou falas dos alunos, porque ajuda a recolocá-las em contextos maiores, dificilmente percebidos no momento em que ocorreram na sala de aula. Pois ali estamos envolvidos não apenas afetivamente, como também ligados em várias atividades e pensamentos ao mesmo tempo: nos conteúdos e atividades da aula nos materiais necessários, nas dificuldades individuais dos alunos, na elaboração da lição de casa, no horário de corrigi-las, na reunião de pais e outras. (WARSCHAUER, 2002, p.62).

Vastos eram os desafios descritos por Warschauer (2002) para perceber o que a escrita do registro me revelava. Ao escrevê-los em meu diário, sempre fazia planos para o dia seguinte. A escrita era como passear em uma montanha russa, nunca linear e sempre com muita emoção despontando nas letras escritas no papel.

Houve dias que estávamos juntos vivendo descobertas incríveis, dias calorosos, mas também dias em que a calma tomava conta. Nesses dias colocávamos em prática nossas descobertas e as recontava uns para outros.

Assim, a escrita no diário era como a escrita de histórias, estava tão movida pela prática da contação que até na hora de passar os fatos para o papel, as redigia como histórias. Não havia outra maneira, pois a contação de histórias estava encarnada em mim. Minha maneira de ser e estar no mundo se misturavam à essa prática. E todos os dias junto com o cotidiano, minha prática se reinventava como professora/pesquisadora/contadora de histórias.

Os pesquisadores com o cotidiano são contadores de histórias? Não sei. Eu sou. E tenho muito orgulho de ser uma contadora de histórias. Meu caminho como professora me levou para este reencontro com uma das tradições mais milenares da cultura humana. (SERPA, 2011, p.7).

Todo o movimento de ser e estar no mundo, de pesquisa e registro, despertaram meu olhar para os fatos que para outras pessoas podem soar como “comuns”, uma “brincadeira de criança”, mas que para nós pesquisadores do cotidiano são preciosos.

Nunca vou esquecer do dia em que meu diário abraçou minha primeira história, foi um encontro precioso para minha pesquisa. Posso dizer que o registro me ajudou a pontar o caminho para as repostas que estava procurando. Enquanto escrevia-o realizava um verdadeiro “artesanato intelectual” Warschauer (2002) e, ao realizar sua leitura, obtive fôlego para seguir

meu caminho, pensar minha prática, dialogar com os sujeitos e seguir a pesquisa. Era um verdadeiro encontro e sentia-a desvelar-se a cada descoberta.

## 2.2 “TIA, COMO SE ESCREVE?”

Figura 2: Emily e Eu. Emily – 4 anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

No primeiro dia da semana, após o recreio, eu estava à sombra de uma pilha de cadernos, corrigindo e colando atividades de casa, em meio à melodia das vozes, risadas, brincadeiras, vi algo diferente no fundo da sala; algo que não era comum.

A aluna Emily costumava ficar sentada em sua mesa enquanto todos brincavam com seus brinquedos, desenhavam e conversavam, mas, em geral, Emily permanecia a maioria dos dias apenas observando. Embora tenha boa relação com os colegas, nem sempre queria participar das atividades e brincadeiras. Entretanto, eu já havia percebido que ali havia uma pequena pesquisadora/observadora, que com seus cabelos encaracolados e seu silêncio me faziam pensar.

Impulsionada pelo olhar pesquisador, naquela tarde vi que Emily estava com algo diferente, algo que a fazia manter seus olhos fixos no papel, com um lápis de escrever na mão

e muito pensativa. Mas não perguntei e continuei corrigindo os cadernos. Fiquei tão distraída que não vi a pequena menina se aproximar da mesa, e com um sorriso me contar sua novidade:

“Tia Ana Luisa, estou escrevendo um livro. Foi minha vó que fez pra mim”.

Ela me mostra um pequeno livro feito de folhas de ofício brancas, grampeadas ao meio. Peguei o livro em minhas mãos e sorri. Percebi que Emily me mostrava algo íntimo seu, pois ali havia desenhos. Perguntei a ela desde quando ela o escrevia e me disse:

“Ele fica guardado em minha mochila e eu sempre escrevo”.

No pequeno livro havia algumas letras, desenhos e também o nome da autora do mesmo. Mais que depressa ela me faz uma pergunta:

“Tia como se escreve PARA VOCÊ?”.

Mais que depressa fui soletrando as letras enquanto ela ia escrevendo no livro, ao fim ela volta para seu lugar e eu permaneci corrigindo os cadernos, mas me senti tão curiosa para saber o ela estava escrevendo. Logo em seguida ela me chama em sua mesa e me pergunta:

“Tia, como se escreve COM CARINHO?”

E eu me coloquei a soletrar e depois perguntou:

“Tia, como se escreve AMO VOCÊ?”

E mais uma vez comecei a soletrar e ela escreveu. Em seguida voltei para minha mesa, pois os cadernos ainda estavam lá para terminá-los. E mais uma vez fui surpreendida por Emily que fez uma última pergunta:

“Tia, como se escreve O SEU NOME?”.

E mais uma vez eu soletrei, só que dessa vez com os olhos cheios de lágrimas, pois não esperava receber um livro em que estivesse meu nome naquela tarde.

Ao fim, Emily me perguntou como se escrevia TCHAU, e mais uma vez eu soletrei. Escreveu na última página a tal despedida, que, ao olhar, me provocavam atravessamentos de sentidos, sentimentos e endereçamentos. Me percebi e vi que ela compreendia que as histórias têm começo, meio e fim. As histórias têm enredos, chegam ao ápice, mas em histórias há despedidas. (DIÁRIO DE UMA PROFESSORA CONTADORA, 15 março de 2018).

Ser surpreendida pelo cotidiano e receber esse diálogo com a Emily, me fez refletir enquanto o escrevia. Provocada por minhas reflexões percorri caminhos até uma conversa que com a minha orientadora Cristiana Callai, pois ela me dizia “Ana, a vida não tem ensaios”. Não podemos prever os acontecimentos dos fatos corriqueiros do cotidiano, mergulhamos nesse mundo que se chama escola; mundo que está em constante ebulição (SERPA, 2011; FREIRE, 1986).

Podemos traçar planos perfeitos para projetos humanos, mas se são perfeitos não são humanos, pois a humanidade se abriga na fugacidade, na beleza do erro, no inédito, no crer no acontecimento que nunca ocorreu antes. São as descobertas que nos fazem prosseguir. Descobri que minha prática de contação de histórias, despertava uma relação estreita com a palavra (LARROSA, 2002).

Sei que de alguma forma as crianças já praticavam essa contação para elas mesmas, de maneira muito pessoal, mas nunca havia presenciado esse momento explícito de escrita de histórias autorais. Emily me fez perceber que as histórias criadas por crianças é uma expressão

de seus pensamentos, sentimentos, seu momento do brincar e sua visão de mundo (SERPA, 2011).

Mesmo que não soubessem como escrever as palavras e decodificá-las em leitura, mesmo assim eram praticantes da escrita, há praticavam de forma outra. Ao entender isso, pude compreender de maneira mais palpável sobre a pesquisa com cotidiano, é um puro exercício de prática de “reconstrução de significados”. (SERPA,2011).

O sujeito do cotidiano se reinventa e reinventa o uso de códigos de comunicação, suas leituras, seu pensar e sua maneira de ser e estar no mundo.

As crianças já praticavam a expressão de escrever histórias por meio de desenhos, letras e traços, mas somente com a “experiência” (LARROSA,2016) que tive com Emily pude perceber. Agora tudo fazia sentido e sentia-me mais encorajada para continuar nessa prática de contação de histórias, pois a criação autoral era uma expressão que em sua linguagem de criança se tornava clara.

A “palavramundo” (FREIRE,1986) se tornava mais clara em nosso diálogo e eu consegui ver e sentir o que a autora gostaria de me dizer. Entendi que era preciso olhar além das aparências. Era necessário ver além do que estava no papel.

Minha compreensão ficou mais clara à medida que nosso diálogo acontecia, entre Emily e eu. As perguntas de “como se escreve?” eram uma abertura para minha visão de professora e pesquisadora; era a pergunta mágica que me dava acesso a um lugar ainda desconhecido. O diálogo me fez entender de maneira muito palpável que todos os envolvidos eram sujeitos da pesquisa. Todas as crianças possuíam voz, ocupavam um espaço marcante. E através da dialógicidade despontava então o convite para a travessia a esse mundo mágico das histórias: “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco (LARROSA, 2002, p. 21).

A troca de palavras não é só uma maneira clara de se comunicar, mas através da formação do diálogo, as crianças abriam-me a porta mágica que me permitia entrar no mundo de suas histórias. Me lembro das palavras mágicas : “Era uma vez”, “Há muito tempo”, “Eu vou contar a vocês”, “Conta-se” e tantas outras que abrem e fecham os contos já são suficientes para nos transportar a esse lugar “fora” (MATOS, 2005, p.22).

Impossível de segurar com as mãos nesse mundo maravilhoso que me lembra o País maravilhoso de Alice. País esse que só se pode chegar nos sonhos infantis. AH! como eu gostaria de sonhar, pois só quem sonha o país de Alice pode alcançar.

Figura 3: Alice atrás do coelho prestes a entrar no buraco.



Fonte: Arquivo pessoal. Presente de minha irmã Júlia de 8 anos. 2020

Sei que o sonho não acontece apenas quando os olhos se fecham, mas descobri outro modo de sonhar com as pupilas abertas, com um livro nas mãos de pernas para o ar, sentada, deitada ou em pé. Imagina! sem sair do mesmo lugar. Através dos contos eu posso ir a qualquer lugar. Mas Por quê? Abramovich (1989) enuncia...

Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu...Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chama a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...) (ABRAMOVICH,1989, p. 120).

O mundo maravilhoso através da palavra acontece, pois assume uma dimensão geradora a “palavra é criadora” (MATOS, 2005). Palavras são “mecanismos de subjetivação”,

“determinam nosso pensamento, pois não pensamos a partir de uma suposta genialidade, pensamos com palavras” (LARROSA, 2016, p.16). Se viajamos em palavras em nosso pensamento, nos tornamos passageiros do verbo, algo acontece!

A ação verbal encarnada na genialidade, faz nascer novas realidades, entramos em nossos desejos, conflitos em nossa paixão mais secreta, nos constituindo como sujeitos. Desperta-se a liberdade de viver e criar novos mundos. Por isso, “é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...” (ABRAMOVICH, 1989, p.17) A Travessia pela palavra acontecia. Fazendo-me acessar outros tempos e outros espaços, que somente a imaginação pode abrigar. Era só dizer “Era uma vez” ...

Cada autor, cada texto, cada capítulo se entrelaçava com a observação, a dinâmica e os registros do cotidiano da sala de aula a cada dia mais mágico e surpreendente. Freire (1986), Abramovich (1989), Serpa (2011) e Larrosa (2002) pareciam conhecer o que estava acontecendo na “minha” sala de aula; neste processo de construção coletiva. A transição do Eu para o nós. A travessia encantadora. A “palavramundo” de Freire.

### 2.3 DO EU PARA NÓS: A PESQUISA É ENCANTADA PELA VOZ DOS SUJEITOS

Ao me aventurar nessa travessia, fui habitada por outros espaços e tempos provocados no encontro com as crianças. Enredada em meus materiais- anotações, fotos, desenhos, livros, cadernos, lembranças...-, encontro-me no lugar movediço, múltiplos e provisório de pesquisadora com o cotidiano, em que os acontecimentos me colocam diante de tensões, limites e possibilidades. Nesse processo, sinto-me afetada pelas vozes, toques e gestualidades das crianças, vou experimentando possibilidades de pensá-las e me (re)pensar. (CALLAI, 2016, p.103).

Não poderia estar apartada de tudo que estava vivendo, não me vejo como professora e observadora dessa pesquisa, pois o cotidiano na Educação Infantil me fazia ser sujeito com as crianças que ali estavam. Sou sujeito da experiência, pois se a “experiência é o que nos passa e nos acontece” o “sujeito da experiência é sobretudo um espaço de acontecimentos” (LARROSA, 2016, p.25), ser onde a palavra nasce, a imaginação cria, a emoção vibra e os olhos cintilam, vezes causado por um lento abrir e fechar os livros de história ao contar para as crianças.

Cada experiência me provocava a (re)pensar minha prática, pois eu as ensinava, e as crianças me ensinavam, era um aprendizado mútuo, “as relações entre adultos e crianças são marcadas por constantes ensinamentos e aprendizados, e, no cotidiano escolar, produzem-se também os sujeitos professor aluno” (CALLAI, 2016).

Imersa a tantos diálogos, novidades, histórias autorais e falas de crianças, havia muito delas ali, “como os nomes, os rostos e as ações constituem o sujeito: somos sujeitos da cultura visto que marcamos a história, mudamos a natureza, agimos sobre as coisas. Essas marcas têm nome, rosto, sentidos” (KRAMER, 2002, p.12), assim elas não são objetos, as considero cada uma sujeitos dessa pesquisa, todas marcam e mudam o espaço de nossa sala, mudam o espaço com suas opiniões e questões.

Justifico esta escolha através de Kramer (2002, p.18) ao realizar tal pergunta —como tornar público sem expor nomes e rostos? Elas têm sido sujeitos da pesquisa? Mantenho a narrativa dos fatos com seus nomes autênticos a fim de trazer mais legitimidade a pesquisa. Com autorização do Instituto de Educação Santo Antônio – IESA, a direção, das próprias crianças e seus responsáveis a pesquisa toma um fluido mais autêntico, pois não posso deixar de colocar suas falas, suas criações e seus apontamentos, cada frase possui um sentido único que as crianças expressavam, e negar isso a elas é negar o seu ser sujeito.

Não poderia escrever as histórias, e as falas antes de pedir autorização a elas. Logo em nossas primeiras aulas expliquei a elas sobre minha pesquisa. As disse que eu estava estudando na faculdade, assim como elas aprendiam na escola, eu também estava estudando e aprendendo. Conteí a elas que estava escrevendo sobre nossas aulas, nossas contações de histórias e tudo que fazíamos juntos na escola.

Depois que acabei de falar, Manu me olhou e disse: “Tia, a faculdade é uma escola para pessoas grandes?”. E eu prontamente a respondi: “Sim”. E as crianças caíram na gargalhada, e eu também, comecei gargalhar com eles. Depois disso, compreendi que elas conseguiram entender que eu também era aluna e estava vivendo um processo de aprendizagem. Estávamos juntos então, todos buscando juntos saciar a sede do saber.

Depois desta conversa emancipatória. Tomei a liberdade de tudo que eu achava interessante, as histórias que eu ganhava de presente das crianças, os fatos corriqueiros que prendiam minha atenção. Eu as fazia um pedido: “Posso escrever no trabalho da minha faculdade?”. Em todo este tempo juntos, eu nunca recebi um “Não”. Elas sempre me disseram que “Sim”. Recordo-me de uma vez em que pedi autorização a Inácio e ele me disse: “Escreve bem bonita tia”. Toda autorização desta pesquisa aconteceu pela palavra.

Todos os autores dessa pesquisa são sujeitos potentes anunciadores de suas ideias. E por meio delas clarificam sua autenticidade em ler a vida. Outras crianças que também são sujeitos desta pesquisa são minhas irmãs Júlia e Helena. Elas são as autoras de alguns desenhos postos neste trabalho. Como tudo que está aqui escrito, cada desenho e fala tem uma história, sobre os desenhos de minhas irmãs também há um novelo de trama que precisa ser desfiado aqui.

Como pesquisadora do cotidiano, me sinto um sujeito inteiro. E por isso carrego comigo a pesquisa para onde vou, ela não se desgruda de mim, é um compromisso de alma. Assim, minhas relações familiares também percebem o que leio, escrevo, e o que busco para me inspirar. Quando me encontrei com Alice no País das maravilhas e decidi escrever este trabalho juntamente com a história de Alice, me refugiei então a ler livros, filmes, documentários. Meu olhar só enxergava Alice por toda parte. E minhas irmãs eram minhas companheiras nos filmes, elas foleavam os livros que encontravam em minha mesa. E me perguntavam: “É para você escrever Lulu?”, e eu dizia que era para inspirar minhas ideias.

Em uma tarde, percebi que um dos meus livros infantis com a história de Alice havia sumido, mas não me preocupei, pois eu os deixava para que minhas irmãs pudessem ter acesso a eles. Algumas horas se passaram, e enquanto eu escrevia Julia e Helena chegaram de mansinho para me fazer uma surpresa. Chegaram com desenhos da história de Alice, feito por elas mesmas. Se inspiraram nas imagens do livro para criar seus próprios desenhos. Eu não poderia deixar de colocar as belas estéticas criadas por minhas irmãs com tanto carinho. Seus desenhos deram vida e cor a este trabalho.

Muitas foram as supressas do caminho para que esse trabalho estivesse inteiro. Muitas foram as mãos que o pintaram, as bocas que o anunciaram e mentes que se entregaram ao ato de pensa-lo. Não posso deixar que nada passar despercebido e muito menos deixar as surpresas que o enobrecem escondidas. Eu as anúncio, pois as mesmas fazem deste trabalho coletivo e autêntico.

#### 2.4 COM AS SURPRESAS DO CAMINHO A PESQUISA NARRATIVA APARECE

Penso a definição de literatura como Benjamin em seus escritos no texto “O Narrador”, ao qual retrata e pensa Leskov, que argumenta sobre a mágica arte narrativa, apontando a mesma como artesanal, decifrando pois a literatura em seus pensamentos: “literatura, não é para mim uma arte, mas um trabalho manual” (1987, p.205).

Para se encontrar essa arte literária da escrita, do narrar e do ouvir, é preciso compreender o pensar demorado nas existências da trama; há um processo de assimilação e



auto teor produtivo. Debulhamos as letras, lapidamos a palavra, alinhamos o texto e criamos enquanto escutamos. O tempo passa. O chocar dos ovos acontece.... E mais uma vez debulhamos a letra, lapidamos a palavra e alinhamos o texto e criamos enquanto ouvimos. É o movimento do verbo com a mente, mãos e coração, leva tempo. Há vida sendo posta, há tempo do tédio e tom de singularidade em cada história começada.

Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física. O tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens os assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente ligadas ao tédio- já se extinguíram na cidade e estão em via de extinção no campo. Com isso desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. (BENJAMIN,1987, p.204).

Todo esse processo de assimilação acontece no sujeito da experiência (LARROSA, 2016). Como ser praticante do ouvir, ao decantar as palavras, se vive, pois a dimensão do sujeito da experiência é ser padecente, é território de passagem, de chegadas e partidas. Se a “experiência é o que nos passa e nos acontece” o “sujeito da experiência é sobretudo um espaço de acontecimentos” (LARROSA, 2016, p.25).

Ao me aprofundar no sentido filosófico do sujeito passional, percebo que a abertura do território de passagem se dá quando há o encontro com o inesperado. O espaço do incerto se torna transformação do sujeito, não apenas de um momento oportuno ou inoportuno, mas o acontecimento é sustento de complexidade e apreensão do que é possível em nossas emoções e ações, nos tomando de tal forma que como salienta Larrosa (2016) é “PAIXÃO”.

Além disso, se a experiência está relacionada diretamente com a paixão ela é avassaladora; com um conjunto de questões complexas e difíceis de definir na medida em que cada sujeito é afetado de alguma maneira: “Por isso, o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si” (LARROSA, 2016, p.29).

Walter Benjamin (1987) faz essa seguinte afirmação “Quem viaja tem muito a contar”, Ele se ocupa de discutir o tão sublime ato de narrar que passa pela experiência. Para Benjamin a experiência e a arte de narrar estão intimamente ligadas. A figura do narrador está posta como alguém que tem algo a dizer, não de explicar.

O narrador não precisa necessariamente ser alguém que percorreu longas distâncias, viveu aventuras viagens, mas também pode ser alguém familiar do mesmo ciclo social, da mesma localidade ou da mesma família. Com a narrativa percebemos os lugares políticos e sociais.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIN, 1994, p. 198).

A narrativa tem essa capacidade de encurtar as distâncias. Ela proporciona momentos mágicos. Podemos ir a lugares sem sair do mesmo lugar, podemos experimentar o novo, sentir novos odores e provar o que ainda não provamos. Para Benjamin a narrativa é diferente da informação, pois a informação tem tempo determinado e prazo de validade e a mesma tem que se explicar, diferente da narrativa que se entrega e se transforma e a cada vez que é contada ganha vida e força, pois “Contar histórias sempre foi à arte de contá-las de novo” (1987, p.205). Não contar histórias é perdê-las, pois enquanto se escuta se fiam outras histórias:

A narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio artesão- no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1987, p. 205).

A narrativa permite um encontro de si próprio, e com o outro, pois aquele que se conhece narra com intensidade o vivido. A pesquisa se delinea narrativa, que se personifica a um saber singular.

Para Clandinin e Connelly esta metodologia parte do pensamento que (...) “se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificados” (2011, p.663). a pesquisa narrativa, compreende a experiência como “histórias vividas e narradas”, na qual, se incumbe de compreender e interpretar, dimensionando-a em um olhar subjetivo.

Empregar essa metodologia no campo da educação é compreender os fatos e caminhos do aprender e ensinar. “Vida é educação e os educadores estão interessados em vidas, vidas que só podem ser expressas narrativamente” (CLAUNDININ E CONNELLY, 2011, p.633).

Sendo assim, pensamos a educação quando mergulhamos na vida e esta, por sua vez, constituída de tempos, espaços, histórias e sujeitos. Transitória em passado, presente e futuro; tangidas em uma pesquisa não estática, pois entrelaça-se com processos dinâmicos de transformação.

A narrativa traz para a educação essa proximidade entre memória, história e imaginação. Traz o sentimento, as impressões dos protagonistas. Alunos, professores, pais que relatam experiências, medos e conquistas. Narrar cada conquista dos alunos, cada apropriação da palavra ou de um conto que eles realizam é um processo de construção e de aprendizagem contínua para mim (BENJAMIN, 1987; LARROSA, 2016).

Por isso optei pela escrita do diário, ou seja, por praticar as ideias de Benjamin, por me apaixonar e me dedicar à arte de contar histórias e, também, à arte de registrar histórias. Cada vez que contamos a mesma história, novos detalhes surgem. A narrativa é a possibilidade. É a imaginação.

Minha relação com a contação de história é parte da prática de uma professora iniciante. É na gênese da docência que habita o encantamento pelas descobertas do conhecimento dos pequenos autores. A relação com as crianças se amarrava a cada dia pelo tom de sensibilidade e de afetos.

O encontro cotidiano nos leva ao patamar da intimidade e a mesma nos mostra não o sentido costumeiro de estar com o outro, mas a percepção da presença intensa dos olhares, das conversas, das brincadeiras, das novidades e até das falas inesperadas.

Posso dizer que eles me afetaram muito, foi na soma dos afetos dados e recebidos que se construía algo novo nos sujeitos envolvidos, sobretudo, em mim como professora, “Impossível ficar indiferente, eu já não era mais a mesma após a experiência de ser afetada pelas crianças, de ouvir o que elas pensam e sentem, a forma como elas se relacionam com alguém [...]” (CALLAI, 2016, p.108).

É no encontro com o outro que acontece a ação do pesquisador narrativo quando está em campo, ele não está apenas, mas a experiência o faz existir (LARROSA, 2002), ele se torna participante ativo do lugar, do contexto, entra na história, transbordando o método em fenômeno narrativo.

É com o conceito “experiência” de Jorge Larrosa que este trabalho se abriga a sentir, ouvir e ecoar as vozes dos sujeitos que nele habitam, estabelecendo momentos de registro autobiográficos em toda a pesquisa.

O trabalho traz consigo a palavra EXPERIÊNCIA como conceito central para dar alinhavo à pesquisa, pois a mesma se encontra em um estado de criação, recriação e imaginação. As experiências vão se somando e se entrelaçando no espaço-tempo da memória. A narrativa enquanto metodologia traz surpresas, descobertas e redescobertas das palavras, das histórias, dos narradores.

### 3. É HORA DO CHÁ

#### 3.1 A HISTÓRIA ENTRA NA RODA

Ainda mergulhada na ousadia da meninice de Alice e seu país maravilhoso, me remeto a mais uma aventura vivida por ela, que ainda procura o coelho branco e, dessa vez, seus rastros a levaram ao chá mais louco que já vi.

Uma conversa que faz nossos desejos saltarem do nosso olhar em palavras, como alguém que pensa movido pela paixão de contar a vida, momentos bons e ruins. A hora da novidade. Uma bela conversa combina com um encontro de chá, você não acha? Mesa que se fez roda de partilha de diferentes subjetividades; a roda mais singular que o mundo das histórias já me levou. O chá de ideias diferentes, postas a mesa para a partilha, mas necessárias para conhecer um pouco mais do mundo mágico que Alice entrara.

Toda essa vontade de saborear o momento se reveste de emoção. A mesa, onde Alice conheceu o chapeleiro maluco, aquele que brigou com o tempo, mas que se sentou junto a uma xícara de chá para partilhar suas ideias...

A mesa era enorme, posta para várias pessoas, mas apenas os dois faziam a refeição, encostados em uma Marmota, que dormia e não parecia se importar em ser esmagada. A Lebre foi logo dizendo:  
 — Não tem mais lugar, não tem mais lugar.  
 Alice sentou no outro canto da mesa e disse:  
 — Há muitos lugares sim.  
 — Aceita um pouco de vinho? — perguntou a Lebre.  
 A menina viu que só havia leite, chá e café, por isso respondeu:  
 — Foi muito mal-educado da sua parte me oferecer algo que não pode servir.  
 — Mais mal-educado ainda é sentar-se à mesa de alguém sem ser convidado  
 — Revidou a Lebre.  
 — Eu não sabia que a mesa era só sua. Além do mais, há tantos lugares...  
 O Chapeleiro não parava de olhar para seu relógio de bolso, que parecia não funcionar.  
 (CARROLL, 2010, p.18).

A presença e a partilha na mesa de alimento satisfazem a fome, mas não saciam a inquietação de saber as histórias dos sujeitos que a compõe possuem. Somente o diálogo pode dar a conhecer os sujeitos (BENJAMIN, 1987).

Figura 4: Alice, o coelho e o chapeleiro em uma mesa de chá.



Fonte: Arquivo pessoal. Presente de minha irmã Helena de 8 anos. 2020.

Como minha irmã Helena, Alice descobriria a história do inenarrável momento do chá se não perguntasse ao chapeleiro, a palavra dá a conhecer os fatos que aparência não explica. A insistência de Alice abre a porta do conhecimento do que estava vivendo; há transformação do pensamento da menina ao encontrar-se com (a descoberta) do diálogo com os personagens. Até se senta perto do fugitivo coelho para trocar palavras.

Sua curiosidade se sacia em conhecer o novo que há em cada sujeito da palavra. A mesa de chá não é somente um encontro de corpos desejosos pela apreciação de uma doce fragrância e uma bebida quente.

É muito mais: é como uma roda de ideias, um encontro fadado a troca de pensamentos, desejos, sonhos, histórias diversas. Encontro de subjetividades. Esse momento me lembra a

roda mais mágica que conheço como professora: a roda do cotidiano da educação infantil. A roda da novidade, onde tudo acontece...

Uma característica do que estou aqui denominando de Roda é a de reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São às vezes, atravessamentos pelos diferentes significados que um desperta em cada participante. (WARSCHAUER, 2002, p.46).

A partilha das subjetividades acontece por meio do estar junto e de partilhar a palavra, o espírito de grupo, a unidade, se formam. Assumindo a estrutura espiralada e, também, a complexidade de cada parte única dos seres em constante exposição de suas ideias. Pairam em seus corpos a completude, o pertencimento. “A Roda é uma construção de cada grupo” (WARSCHAUER, 2002, p.47).

A ação grupal oferece à criança o ensinamento de reconhecer a necessidade de sua singularidade e a sua contribuição para o crescimento do grupo, como a contribuição das outras pessoas que pertencem a ele. Assim, a importância da atividade coletiva entra na roda e faz acontecer mais uma alternativa educativa e social:

Através, desta prática, que engloba o grupo como um todo, se pretende desenvolver com as crianças atividades em que a professora propõe uma forma qualquer de ação que, exigindo o esforço individual de cada membro, valorize a participação do grupo em lugar de negá-la. Na verdade, é imperioso que as crianças, através de atividades concretas, vão percebendo, de um lado, a importância de cada uma, individualmente, na constituição do grupo; de outro, a importância do grupo para o seu próprio crescimento. Assim, mais tarde, aos cinco, seis anos, deverão descobrir a força dos grupos e, aos sete anos poderão compreender ainda, intuitivamente, os grupos como organismos sociais regidos por leis próprias. (FREIRE, 1999, p.21).

As rodas de diálogo escolares, seguem este pensamento comum de interação e partilha de ideias. Para Warschauer (2002) a maior característica de uma roda é o diálogo em si, sendo esta oportunidade de expressão dos seres. Assim, a roda constitui-se num momento de comunicação de todos os participantes do grupo, a sombra de uma organização de um coordenador, professor ou interventor.

No cotidiano da Educação Infantil a hora da roda se faz presente na rotina, o momento de trocar ideias, contar uma novidade, falar dos temas semanais, contar histórias, entre outras possibilidades de expansão do mundo.

Pensando com Madalena Freire (1999), a rotina tem como objetivo “situar as crianças num espaço e num tempo definidos e concretos” (p.19). A estrutura dos eventos se torna

flexíveis de acordo com as eventualidades que acontecem na sala, isso pode surgir não só com o olhar do professor, que se faz mediador do espaço-temporal, mas com as próprias crianças que estão sensíveis a propor mudanças baseando-se da observação do grupo. Em minha sala de aula, a rotina se inaugura com a roda.

A roda é um momento acolhedor, no qual todos têm a palavra; contamos nossas novidades ao grupo, mostramos algo interessante que nos marcou, falamos sobre o tempo, realizamos combinados e percebemos quem faltou à escola. Essa troca, esta experiência compartilhada é a democracia sendo praticada pelas crianças:

Será no exercício compartilhado da vida coletiva que as crianças, efetivamente, irão socializar-se, aprender a conviver, confrontar, discutir, procurar soluções com seus pares e o apoio dos adultos. A democracia, mais que uma forma de governo ou um modo de vida social, é uma estruturação simbólica do ser em comum, de uma vida coletiva, aprendida no cotidiano. Construir tempo para estar junto é fazer-se presente, estar com as crianças, deixar as crianças atentas, interessadas, tranquilas. Instaurar conforto, solicitude, respeito. Valorizar o realizado, escutar o que dizem as palavras e os gestos, escutar os pontos de vista. Não solicitar em excesso, intrusivamente, obliterando ou roubando o tempo de inventar. A vida cotidiana está permeada pela vida política, nas artes do fazer, do agir, das relações entre as pessoas, e por isso também tem uma função ética e política, que é a da relação respeitosa com o outro, da formação da memória, da narrativa e da transmissão da experiência, oferecendo o deleite estético.(BARBOSA, 2013, p. 219).

A roda é lugar de cantar e eu os acompanhei com o violão. Também dançamos. Se tornou profunda a relação que estabelecemos com a fala, o corpo e a expressão, “é a possibilidade de conhecimento maior das crianças entre si, e da professora com relação a elas” (FREIRE, 1999, p. 20). A vida cotidiana, a sala de aula e a vida política em um só espaço-tempo.

### 3.2 “TIA, EU NÃO SEI ASSOBIAR”

Estávamos sentados perto da janela, ao lado da estante de brinquedos. A nossa roda de todos os dias. Roda que é ponte de início de todas as aulas. Depois de cada um contar a sua novidade, conversamos sobre o dia da semana, o tempo, trocamos assuntos do que estamos aprendendo. Ao fim, gosto de levar uma história para compartilhar.

Neste dia a história escolhida foi: “Uma tarde do barulho” de Silvia Maneira e Cláudio Martins (2009). A história escolhida foi intencional pela professora, pois em nossas rodas

anteriores, havíamos conversado sobre os “sons que podemos fazer”. O nosso corpo é musical, e tudo que nos circunda tem melodia. Fizemos uma pausa em meio ao mundo barulhento para falar do nosso barulho, o que podemos produzir, pois também somos parte da sua musicalidade que existe. Ao decorrer da leitura da história, iniciamos uma página com estas palavras...

Quantos sons o nosso corpo pode fazer!  
 Bater palmas para aplaudir ou estalar os dedos para se divertir.  
 Bater o pé no chão fazendo pirraça ou dar risadas achando muita graça.  
 Falar, cochichar ou gritar, cantar canções de ninar ou canções de despertar. Roncar, assoviar, espirrar, soluçar e mesmo sem querer, às vezes... arrotar. (MANEIRA; MARTINS, 2009, p.23).

A intensidade do desejo de descoberta e a necessidade do encontro com o novo que a história trouxe consigo, ainda não era conhecido por José: o simples fato de assobiar. Algo mudou a visão de mundo da criança quando a descoberta aconteceu. O momento da descoberta para a criança é tomado de singularidade, um momento ímpar, e sua importância requer reconhecimento do processo de conquista.

Realizamos juntos os sons do trecho do livro, quando um dos meninos se abaixa na roda com a cabeça entre as pernas e se coloca triste em silêncio. Terminei a história e ele ainda se colocou daquela mesma forma, então preocupada, o questionei:  
 Eu:- O que aconteceu?  
 Criança:- Tia, eu não sei assobiar.  
 Eu somente sorri, mas percebi a angústia de José.  
 Criança:- Eu não sei...  
 Eu: Vamos tentar.  
 Então pedi que ele esticasse os lábios fazendo um biquinho aberto. E disse o encorajando:  
 Eu: Sopra! Sopra!  
 José tentou, e ficou lá tentando até ouvir um pequeno som, e conseqüentemente todos começaram a tentar fazer o tal barulho.  
 E tudo termina com um sorriso de ambos, não na alegria do simples acerto, mas na alegria de perceber a história nos muda, quando permitimos que ela nos toque. Até mesmo se for para mostrar o que ainda não sabemos. História é saber com sabor de descoberta. (DIÁRIO DE UMA PROFESSORA CONTADORA, 19 de Março de 2018).

A narrativa desse fato me reporta às palavras de Madalena Freire (1999), especificamente, a parte em que retrata o cotidiano e sua imprevisibilidade, as descobertas, onde o planejado muitas vezes sai de cena, pois estamos lidando com sujeitos vivos e pensantes, sujeitos a questões, emoções e fatos inéditos. A dinâmica da sala é alterada, em meio a tanta complexidade acontece de maneira muito singular o processo de *ensinoaprendizagem*.



Vale a pena abrir um parêntese aqui para falar da importância das descobertas das crianças. É fundamental que as crianças tomem consciência de que elas estão fazendo, conquistando, estão se apoderando do seu processo de conhecimento. E que o professor igualmente, com elas, os dois são sujeitos desse processo na busca do conhecimento. Daí que o papel do professor não é o “ dono da verdade”, que chega para dissertar sobre o “corpo e seu funcionamento”, mas sim o de quem por maior experiência e maior sistematização tem a capacidade de desenvolver as crianças, de modo organizado, as informações do objeto de conhecimento. No caso que descrevo: o corpo por dentro, a ser estudado. Quando digo que o professor também está estudando, buscando conhecimento juntamente com as crianças nas descobertas do “corpo por dentro”. (FREIRE, 1999, p.45).

O professor e a criança são sujeitos desse processo rumo ao conhecimento novo. Continuo a pensar com Madalena Freire (1999), em seu livro “A paixão de conhecer o mundo”, relata as descobertas realizadas com uma turma de crianças de 4 anos, a escrita envolvente que ela nomeia como relatório de atividades.

Em meio a tantos relatos, destaco um deles que discute a descoberta com crianças. Assim como a minha experiência da roda com crianças no cotidiano surgem questões e, com a turma de Madalena também não é diferente: a roda também é esse lugar. A descoberta dessa vez foi provocada enquanto se trabalhava o corpo humano, tendo como exemplo palpável uma galinha assada, para que as crianças pudessem olhar minuciosamente. Ao observarem o frango e verem tudo que há nele, o burburinho do novo se apoderou de todos. Madalena em seu relato descreve esse momento fantástico com as crianças: A descoberta.

A descoberta muda a nossa visão de mundo, quando a mesma é despertada pela curiosidade. A curiosidade das crianças e do professor muda o contexto das indagações levadas para a roda.

As questões são geradoras e elas movem o ato de descobrir junto. José como os alunos de Madalena imersos na curiosidade que brotará ao novo em contexto, não param no ato de ouvir e pensar, mas quiseram se colocar na experiência do que lhe era ainda desconhecido. Segundo Freire (1986) o exercício da curiosidade abre as janelas da imaginação, expande as emoções, nos leva a realizar a comparação de fatos e objetos; nos aguça o sentido de opinar. Tudo isso na tentativa de uma “busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

O ato curioso provoca tantos questionamentos para quem possa saciar as razões de ser e estar no mundo e o interesse se move a procura de uma resposta para as questões que se levantaram com a chegada de novas informações. É busca constante de ser e estar em meio a tantas informações, saberes, culturas, estímulos que o conhecimento vai sendo construído e produzido coletivamente. Não consigo pensar no ato curioso e não me lembrar de Alice que

está sempre fazendo perguntas e vive à procura de respostas para entender o mundo maravilhoso que cairá. Alice como todas as crianças, traz consigo essa vontade insaciável de saber as razões e os porquês. Todos os acontecimentos são palcos para novas descobertas.

Ah! Entendi, é sempre hora do chá — disse Alice.

— Não temos nem o intervalo para lavar a louça entre um chá e outro — disse a Lebre.

— Por isso há tantas xícaras e pratos sobre a mesa?

— Sim. Quando não queremos mais usar a louça suja, mudamos de lugar.

— Disse o Chapeleiro, sugerindo que fizessem a troca.

Cada um sentou na cadeira da sua direita, até a Marmota, meio sonolenta, que continuava servindo de encosto para a Lebre e o Chapeleiro. A Lebre, mais simpática, ofereceu à menina:

— Sirva-se de um pedacinho de pão com manteiga.

Alice pegou o pão e colocou um pouco de chá em sua xícara. Teve medo de comer e beber, mas o fez por educação. Por sorte, nada aconteceu, ela não cresceu nem diminuiu. Enquanto Alice desfrutava da primeira refeição de verdade desde que chegara àquele lugar. (CARROLL, 2010, p.18).

O professor também tem histórias para contar, novidades e descobertas. O papel do professor na roda de diálogo é de participante, mediador e problematizador das questões que surgem. Segundo Madalena Freire (1999), o professor assume esses papéis, cumprindo a desafiadora função de aguçar o senso crítico de seus alunos, acrescentando na visão do grupo de compreender juntos novos conhecimentos e conflitos. O professor imerso na roda, sujeito de voz e da escuta, desfruta com a criança ação comum: o diálogo. “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 1996, p.20).

Segundo Freire (1987) o diálogo é um acontecimento humano, este por sua vez possuidor da palavra que o faz por si só ser reconhecido, sua força motriz está em reconhecer a palavra e seu contexto dando formação ao diálogo. Ainda me referindo ao pensamento Freiriano, o diálogo constrói-se de reflexão e ação, vislumbrando então o contexto que vise a uma prática libertadora, constituída do conceito de educação pela palavra, que faz abrir as novas leituras de mundo.

Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se resente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (FREIRE, 1987, p.50),

A educação pela palavra, fundamentada em um olhar “dialógico”, é o conceito que embasa a educação libertadora de Freire (1987). A ação dialógica permite que o senso crítico seja mais humanizado, perceptível pela ação do respeito e argumentos de diferentes sujeitos. Ação dialógica não se resume a momentos pedagógicos entre professor e aluno, mas está além, a mesma problematiza questões, fatos e acontecimentos que ambos, professor e aluno, levam para o diálogo e estas repercutem no momento pedagógico. As questões rompem-se em pensamento crítico e esclarecimento para uma visão emancipada do que é educação.

A prática do diálogo, do claro entendimento da fala, gera no grupo a necessidade de ouvir. As pausas para escuta também são uma prática da roda de diálogo. A necessidade do silêncio se faz presente quando queremos escutar o novo que o outro nos apresenta, a escuta das leituras de mundo acontece coletivamente. O silêncio é também uma prática educativa, reitera Freire.

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (FREIRE, 1996, p 10.)

O silêncio não está no momento de apreciar a fala do sujeito, mas como ouvinte, me permite o conhecimento de uma nova visão, um novo conhecimento, levando à troca de ideias comuns e maneiras de argumentar distintas. Trabalhar a escuta é uma ação que vai além da capacidade biológica: é também uma maneira de aprendizado disponível para escutar a diferença do outro. Não se cabe em um gesto de “autoanulação” e nem mesmo de superioridade.

O movimento da escuta não se opõe ao ato de discordância ou concordância ou até o de posicionamento contra ou a favor, mas um bom ouvinte se reveste de vastos argumentos para formar seu pensamento crítico.

A escuta é uma “prática democrática” (FREIRE, 1996). Com o entendimento da escuta como abertura ao conhecimento, os sujeitos inauguram a relação “dialógica” entre os pertencentes da roda de diálogo, através dessa relação a abertura dos sujeitos e seus mundos acontecem.

Assim, a roda se torna um espaço-tempo aquecido por inquietações e curiosidades que movimentam os sujeitos da criação. Lugar das curiosas perguntas, como as perguntas de Alice para o chapeleiro. Também se transformam em lugar de escuta da história de outros sujeitos.

Alice perguntou:

— O relógio está quebrado?

— Mais ou menos isso — disse o Chapeleiro.

— Está ou não está? — insistiu a menina.

— É que eu briguei com o Tempo.

— Como assim?

— O Tempo é uma pessoa, você não sabia?

— Não. Mas diga, por que você brigou com o Tempo?

— Foi no ano passado, bem na época em que ela ficou louca — começou, apontando para a Lebre, que mexia o chá com uma colher. — A Rainha organizou uma festa e eu deveria recitar alguns versos.

— Sei, e o que houve? — perguntou Alice.

— Eu me atrapalhei, demorei um pouco para lembrar os versos. Então a Rainha começou a gritar: “Ele está matando o Tempo!” Eu jurei que não era verdade, mas o Tempo não acreditou e brigou comigo. (CARROLL, 2010, p.18).

As rodas de diálogo com a minha turma sempre se aqueciam de curiosidade e novas tentativas de experiência do conhecimento. Era comum contar histórias na roda. Quando começava um assunto novo, o levava em forma de história para apresentar o conhecimento em diferentes formas de leitura e visões que ele poderia ser posto. Não me prendia em só levar histórias por assuntos, mas também, as histórias aconteciam em meio à roda. O momento em que nos abandonávamos pelo gosto de apreciar uma contação. O espaço para leitura se revela potente em meio à roda, pois como afirma Manguel (1997, p.178) “Pode-se transformar um lugar ao ler nele”.

Nosso momento da leitura em meio à roda se transforma pela afetação que as palavras literárias causavam em nós, nos fazendo pertencente ao diálogo comum. O momento de estar em grupo desperta em todos diferentes interesses em subjetividades únicas, causados pela escuta da mesma história.

A transformação está no sujeito que é tocado pela palavra. Esse movimento singular e ao mesmo tempo comum não caberia só a minha palavra em uma roda tão democrática como a de nossa turma. Com as crianças aprendi e aprendo muito como professora, percebo o quanto elas respeitam o posicionamento dos colegas e sempre estão abertas a experimentar algo novo.

Na hora do chá ou na roda convido as crianças, as histórias. Convido Freire, Madalena Freire. Sirvo um chá para Benjamin e um café para Maneira e Martins. Uns biscoitos para Barbosa. A roda é o exercício da Narrativa. É a constante criação e recriação das histórias. É a valorização da memória no espaço-tempo. É praticar a democracia sem nomeá-la. Ler, contar e escrever são exercícios extremamente democráticos e que devem começar o mais cedo possível.

## 4.UM PASSEIO CURIOSO NA FLORESTA

### 4.1 “TIA, CONTA SEM O LIVRO”

Explorando o imaginário chego à floresta. Não é uma floresta comum, sombria, fria ou arrepiante, mas é uma floresta encantada. Um lugar sem igual, repleto de beleza. Seus moradores eram os mais estupendos animais, falantes e pitorescos. Não me aguento, pois preciso conferir. Vamos lá: entramos em mais uma história. Um lugar tão mágico que acredito ser um lugar que Alice do País das maravilhas gostaria de visitar. Levo Alice em meu pensamento e coração para visitar outras histórias, pois tudo é possível no mundo da Literatura. Afirma Lajolo (1982) “O mundo da literatura, como o mundo da linguagem, então, é o mundo do possível”.

Caminho até chegar ao fundo da floresta onde havia uma casa muito curiosa. Me deu até vontade de espiar. Apertei bem os olhos e olhei no buraco da fechadura e vi que era muito bem arrumada, com cadeiras e camas de tamanhos de diferentes. Pensei tão rápido que até falei alto: “Nossa até parece gente!”. Que emoção! Não me aguentei. Era uma casa de ursos falantes, sabia que naquela floresta encantada havia algo de especial.

Depois de espiar os detalhes da mesa e do fogão, vi que eram ursos que preparam e comem mingau, passeiam pela manhã e não fazem a ninguém nenhum tipo de mal. São tantas novidades que quero ver de perto. Como a menina bisbilhoteira de cachos cor de ouro, fui tomada de curiosidade. Resolvi entrar. Puxei na memória e contei mais uma vez...

ERA UMA VEZ ...

Em uma casa de madeira no meio da floresta, morava uma família de ursos. O pai era um ursão bem grandão, a mãe era uma ursoa nem muito grande, nem muito pequena, e o ursinho era tão pequenininho que parecia de brinquedo. Logo pela manhã, os três cantavam:

"Nós somos os três ursos e a nossa casa é esta janela, porta e escada no fundo da floresta, todas as manhãs quando acordamos, antes do mingau juntos passeamos"  
(Fragmento da História Cachinhos Dourados e os Três ursos).

Contei a história em uma roda com crianças. Era uma tarde ensolarada em minha sala de aula; os raios cruzavam com intensidade os vidros da janela e repousavam em nossa roda, formando uma clareira bem ao meio. Eu sabia contar sem o livro, as palavras dessa narrativa que fazem grande sentido para mim.

História essa que minha mãe contava quando eu era criança, em meio a tantas outras que sei contar sem o livro, essa é uma das contações que tombam meus afetos, como relata Matos e Sorsy (2005) em seu livro “ A palavra do contador de histórias”, anunciando que a palavra do contador de histórias nasce da relação particular entre o conto e o contador, pois a “palavra” é viva e o contador é alguém que pode testemunhá-la. Há relação de pertencimento dos afetos. A história da Cachinhos dourados e os três ursos é a história dos meus afetos. Somos eu e a história em uma relação muito profunda que desagua em palavra e me faz reviver muitas lembranças.

Esta cena da tarde de sol em meio à contação aconteceu em uma terça-feira. Era algo cotidiano e rotineiro nossa sede de ouvir e contar logo no começo da aula. O que antecedeu a história foi o mais interessante. Me preparei para contá-la. Esperançosa esse era o sentimento pulsante do momento, enquanto segurava alguns livros nas mãos. E anunciei que ia contar, e que juntos escolheríamos um livro. Bem mais que depressa, antes mesmo de terminar meu anúncio, Francisco gritou com voz estridente, com tom de quem conta uma novidade maravilhosa. Fui surpreendida pela seguinte frase:

**“Tia, conta sem o livro !!”**

Mais que depressa eu perguntei, mas porque ele gostava sem o livro, e ela me disse:-

**“Ah tia! eu gosto mais sem o livro”**

Então resolvi contar sem o livro. Olhei para os lados e todas as outras crianças estavam satisfeitas com o pedido, e ainda reforçavam repetindo a exclamação: “É, conta sem o livro!

O pedido estava carregado de entusiasmo, “Conta de novo... Conta aquela...Conta outra vez...” (MATOS e SORSY, 2005, p.3). Pois, já havia contado a história de Cachinhos dourados e os ursos outras vezes em sala para as crianças. Todas as vezes que eu contava, ouvia o pedido insistente para que eu contasse novamente a história que naquele momento de contação havia feito nosso mundo parar mais uma vez.

Diante de uma boa história, todo ouvinte tende a sentir-se contagiado e a desejar que não cesse de pronto a experiência estética que vive. Diante de um bom narrador ou narradora, desejamos a continuidade da história saboreada pelo ouvido, e nos atrevemos a exigir seu recomeço, pois nos possibilita reviver o sabor já provado: conta de novo! (MORAIS, 2002, p.82).

Para Morais, a experiência de ouvir e contar novamente a mesma história está ligada ao ato de reviver. O ato de “(re)contar” não é um ato de repetição mecânico de fatos. “Mas, como

quem conta um conto aumenta um ponto...” (2002, p.84) A narrativa toma um novo sabor a cada vez que as palavras são degustadas para serem ditas novamente.

Não há um gosto rançoso de velho, mas as palavras são transformadas pelo ato de contar novamente. Há sabor em saber o gosto de redizer. O paladar refinado toma conta da história, palavras inéditas vibram para comunicar o mesmo enredo, ganhando um novo estilo, olhar, afetos e lembranças. São muitas emoções e ideias envolvidas no momento do reconto. A história repetida nunca se faz velha. Contar a mesma história é sempre abrir-se a um novo nascimento, damos luz às palavras.

As antigas expressões do contador são transformadas. A história possui mesmos personagens, enredo e falas. Mas se apresenta fulgurante pela nova leitura feita pelo contador. O sujeito contador se faz pertença de outras palavras, onde o que não é novo e o novo se imbricam magicamente e dançam em palavras no salão chamado narrativa. Narrando o novo e velho as palavras e desejos se misturam e pintam de muitas cores o mundo da história.

Tecemos em palavras o mundo do possível enquanto se narra. “Os fios da narrativa recontada são entretecidos por mãos que guardam ritmos próprios por vozes que mantêm entonações singulares” (MORAIS, 2002, p.85). A experiência muito original se revela por meio de entonações únicas. Quando mudamos a voz ao contar, mudamos as cenas e personagens, passamos de um lugar para outro através do melódico tom de voz, transparecendo o mistério, o suspense e surpresa; as expressões falam mesmo em meio a mudez de palavras.

Para contar uma história – seja qual for- é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras, se entra em contato com a música e com a sonoridade do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo de palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro...Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1995, p.18).

Somos inteiros com a narrativa, usamos a voz e o corpo para enunciar a arte. Assim como Manguel (1997) faz uso da metáfora para elucidar os diversos “efeitos” da leitura no corpo do leitor. O ato de ler possui efeitos internos, o leitor e narrador são um. O ato de ser narrador é decidir expressar sua leitura. Sendo assim o narrador é um leitor tão encarnado, que se tornou lugar onde a palavra penetrou, fecundou e disse. No ato de dizer deu vida à sua própria leitura e às leituras de outros que o escutaram. Segundo Manguel (1997) não basta só dizer que lemos “o mundo, um livro, o corpo” ou com o que foi visto pelo leitor/narrador, mas seus efeitos

podem ser expressos com uma metáfora alimentar, de ingestão, mastigação e paladar, o leitor se nutre de maneira única com a história.

Tais escritores falam em cozinhar uma história, misturar os ingredientes do enredo, ter ideias cruas para uma trama, apimentar uma cena, acrescentar pitadas de ironia, pôr molho, retratar uma fatia de vida, nós, os leitores, falamos em saborear um livro, encontrar alimento nele, devorá-lo de uma sentada, ruminar um texto, banquetearmos com poesia, mastigar as palavras do poeta, viver numa dieta de romances policiais.(MANGUEL, 1997, p.198).

Apreciamos e refinamos o apetite pelos olhos, depois de nos nutrirmos de palavras. Como quem se alimenta, degusta e se torna um com seu paladar, assim também é com o ato de ler. “Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma coisa só”. Há uma relação de apropriação para quem devora as palavras, se tornam um com as mesmas e assim “somos o que lemos” (MANGUEL, 1997, p.201).

Se nossas leituras nos pertencem, quando as narramos dizemos ao mundo um pouco do que somos. Quando narrei sem o livro a história de Cachinhos dourados, dei um pouco de mim e de minha história às crianças que me escutavam. A história fala a nós e também fala de nós. “Uma história que “fala a você” é uma história que vibra com suas próprias experiências”. (MATOS e SORSY, 2005, p.39).

A história se entrega e se entrelaça às vidas presentes no ato de contar e ouvir. Para aquele que narra comunica ao mundo sua história misturada à literatura, e ambas se unem ao ato prazeroso de ouvir a contação. Quem escuta também faz parte desse emaranhado de emoções com quem a narra.



Figura 5: Cachinhos Dourados entrando na casa do urso - Arthur de 5 anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

O interessante foi a reação dos alunos ao ouvirem a história, não só escutavam a narrativa envolvente, mas conseguiam ver e sentir em seu imaginário as cenas que se passavam, o pavor dos ursos, o medo da Cachinhos, o tamanho da fome, a casa na floresta. Estavam atônitos com o que haviam escutado.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocavam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar...Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

A escuta mágica da narrativa pode nos levar a lugares vastos, a provarmos saberes e experimentarmos momentos que talvez o real não nos proporcionaria sem sair do lugar. O conto é uma espécie de reviver. Quando a criança insiste no pedido da repetição da narrativa,

há um desejo de expandir sua fantasia proporcionada pela história. O desejo da repetição para criança é a necessidade da criação hábito exprime Morais (2002) ao falar da necessidade que há na criança em repetir como alternativa de manifestar seu interesse. Nas atividades cotidianas com crianças a repetição se mostram presente como maneira de reviver e aprimorar os hábitos.

Porém, essa tentativa repetitiva não está imersa no desejo mecânico e usual de ouvir as mesmas palavras. Ela está além. Para a criança o pedido da repetição está ligado à assimilação criadora e refinada, enquanto a mesma narrativa está sendo dita a criança constrói sentidos novos, há sentidos sendo instaurados e ressignificados. O pedido repetitivo é um revigorante momento de criação enquanto a velha história é recitada.

Na narrativa oral, o que se quer é uma interação imediata com o ouvinte. A linguagem é espontânea, cria-se o texto junto com o auditório, ou seja, as reações do ouvinte são fundamentais para o desenvolvimento da narrativa. No caso do contador de histórias, esse é um aspecto importante para ter em conta. O conto é arte da relação entre o contador e seu auditório. É através dessa relação que o conto vai adquirindo seus matizes, suas nuances. Contador e ouvintes recriam o mesmo conto infinitas vezes. (MATOS e SORSY, 2005, p.8).

A relação estabelecida com a criança, o narrador e a história são profundas e geram pertencimento de grupo. O encontro da palavra dita e da escuta compartilha transformando-se em um “espaço potencial” (MATOS, 2005, p.36). Esse espaço é estabelecido cada vez que ouvintes e narrados se encontram por meio da história, o espaço potencial toma forma pelos sujeitos que o compõe e pelo ambiente construído. O ambiente se aconchega propiciando a proximidade das pessoas pelo afeto e desejo de acolher as palavras.

Com o poder imaginativo nas mãos dos que ouvem e narram, o espaço se abre ao “brincar” com o imaginário, envolto da mensagem que a narrativa traz, os sujeitos presentes apreciam um novo aprendizado, conforme Matos (2005) diz que a palavra poética, cada vez que o “espaço potencial” é construído abrem-se então as asas da imaginação criadora, os sujeitos envolvidos aprendem outras formas de “estar no mundo” de forma harmonizada. Não é apenas provar outras formas de viver e compartilhar ideias e “mundos”, mas há nesse compartilhar subjetividades que geram ação de pertencimento habitados pela narrativa.

O estar próximo dos meus alunos gera reflexões e, foi através da experiência (BENJAMIN, 1978) com a palavra que as inquietações surgiram, vivenciamos o cotidiano que a cada dia nos presenteia com surpresas que nunca serão previsíveis. O ato de compartilhar me fez cada vez mais inteira em minha prática, pois compartilho não só palavras, mas anseios sobre

o ato de ensinar e aprender. Aprendi que compartilhar palavras é também compartilhar sonhos feitos de narrativa, é um desafio de apropriação.

Além de compartilhar experiências, o contador também compartilha sonhos. Porém, não se compartilha aquilo que não se possui. É necessário apropriar-se também dos sonhos de um herói, torná-los os seus próprios, para só então oferecê-los aos ouvintes. (MATOS e SORSY, 2005, p.11).

Mesmo imersa no doce desejo de me apropriar contos diferentes para compartilhar com meus alunos, havia uma questão que não saía de minha cabeça, era como o ato da criança de pedir: “ conta de novo”, mas me martelava a cena da tarde de sol, para que eu pudesse criar novos sentidos e compreender aquela experiência tão inusitada.

Fiquei pensando sobre o entendimento da frase **“Tia, conta sem o livro”**, e me indaguei sobre os movimentos da arte de contar. Então, com um faro de pesquisador me coloquei a procurar o estar ENTRE o contar com e o contar sem. Fui inundada por muitas questões, pois fiquei pensando sobre a arte do narrar e do contar. Sei que entre o emaranhado de palavras que escapolem elas partem de algum lugar, sendo estas quando lidas ou quando são contadas. Há sentido de libertação quando elas são lidas e ditas, pois é a ação do sujeito que gera propagação, renovação, criação.

Me demoro na tessitura do assunto para abordar o ato de contar, e a potência da palavra do contador, manifestando sua prática e seus efeitos. Partindo da experiência com as crianças embarco nessa viagem de muito sentido amoroso pela palavra. Elucidando a profundidade do assunto, comungo com Matos para dizer ...

Visto isso, é nosso dever abordar o tema da Palavra, não com profundidade de um antropólogo, de um etnólogo ou de um historiador das religiões, mas na justa medida que conhecê-la possa ser significativo pelo que há de seus eflúvios na “palavra” do contador de histórias. (MATOS, 2005, p.7).

Segundo Matos e Sorsy (2005) no início do século XIX acontece um equívoco quanto à tradição oral enquanto arte popular opôs-se à arte refinada do conto literário. A situação posta necessitava comparação, mas também de um olhar próximo para compreender tais singularidades entre o contar uma história a ler uma história.

A arte de contar história é enraizada na cultura oral, semeada e frutificada em contos populares, adquirida por gerações, através de contos e tradições familiares, conservando assim a história cultural de um povo. Já a dos contos ditos literários são próprios da cultura escrita.

As existências dos contos populares e literários estão encharcadas de importância e particularidades. Devemos considerar o que Lajolo vai dizer sobre a Obra literária, antes de compartilhar as diferenças entre essas duas formas de contar histórias. “O finalmente é que a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra nesse intercâmbio social.” (LAJOLO,1982, p.16).

A escrita e a leitura da literatura se dão nesse intercambio social para que haja troca de informações e perpetuação da cultura, para manter viva a existência de uma língua. A contação de história e obra literária, ambas desaguam em consistências únicas que se caracterizam por diferentes modos de viver e ver o mundo, como se retrata a seguir...

Enraizado na oralidade, o conto popular tem sua base de comunicação na percepção auditiva da mensagem, enquanto o literário, enraíza-se na escrita, tem na sua base de comunicação a percepção auditiva da mensagem. Além disso, o conto literário é produção de um autor que nele irá imprimir seu estilo pessoal e sua própria visão de mundo. Os contos tradicionais, cuja origem parece encontrar-se nos mitos primitivos, que por muitos séculos orientaram os homens em sua busca de conhecimento do cosmo e de si mesmo, não são obra de um só autor. (MATOS; SORSY, 2005, p.2).

É no instante inventivo da história que se concretizam em palavras ditas ou escritas no imaginário. Nutrindo o cenário intelectual de um povo, marcando gerações, de forma lúdica e estética se engendram esferas de valores e expectativas. Comparar esteticamente tais formas de conto é não ter percepção de esmero. Matos e Sorsry (2005) afirmam que comparar o incomparável é negar valores artísticos.

Reconhecendo tais particularidades de contos populares, literários, entre narrar as histórias ou contá-las, sendo estes ,diferentes modos de apresentá-las, é salientar particularidades, mas perceber pontos comuns, pois enquanto narrativa se engendram em uma estrutura, como anuncia Coelho (1990), são os elementos essenciais de uma história: o enredo, a introdução, o clímax e o desfecho.

As características de cada elemento se dão no seu desempenho dentro da narrativa; o enredo são as informações essenciais de características identificáveis de cada história, são as cenas, personagens e informações primordiais. Esses elementos essenciais são palco para o narrador fluir os detalhes de maneira criativa na história.

Podemos olhar para os tipos de conto e seus elementos fazendo uma “analogia com o corpo humano” com toda sua estrutura: esqueleto, músculos, tendões, etc. pertencente a ambos. “Mas um conto escrito, seria como a escultura de um corpo, enquanto, contado, ele seria como o corpo vivo”. (MATOS e SORCY, 2005 p.18).

A vitalidade está na voz que embala as letras, as palavras ganham o palco para os olhares atentos à voz e ao gestual de quem as expressa. O impressionante é perceber que estas estão em ebulição e exalando a emoção na voz do sujeito narrador.

Com o avanço da escrita, enaltecendo o conto literário, devido ao nascimento do romance no início do período moderno, a narrativa entra em uma espécie de “morte”, assim descreve Benjamin, na obra “O narrador”(1987), e salienta que com o surgimento do romance, este por sua vez ligado ao livro e à escrita, a e a sua propagação se expande com a invenção da imprensa.

A narrativa e o romance se distinguem por sua natureza fundamental, pois a narrativa vem da tradição oral, das poesias, lendas, contos de fadas e outras formas de prosa. Já o romance não se enraíza nessas fontes orais e nem as alimenta, mas permite ao leitor uma sensação solitária de experiência. A narrativa está encharcada de coletividade, de exposição de experiências do sujeito.

O narrador reitera a experiência o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pela dos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes. O romancista segrega-se. A origem é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que nem recebe mais conselhos e nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição da vida humana, levar o incomensurável aos seus limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive. (BENJAMIN, 1987, p.201).

Ainda na leitura das ideias de Benjamin, o romance alcança a graça da burguesia e ascende-se com a imprensa, tornando a narrativa arcaica. Com a evolução da imprensa, houve mais mudanças na comunicação, tomando o romance de crise, surgindo então a informação como novo veículo comunicativo. A informação é caracterizada por comunicar um saber de longe, novo, de verificação imediata e com prazo de validade. já a narrativa proporciona mensagens descritas e minuciosamente desenvolvidas.

Nos tornamos sujeitos massivos de informação e de um conhecimento histórico precário, frisa Benjamin (1987, p.203) “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes”. A razão da pobreza de surpresa e emoção, está no fato em que as informações já vêm ruminadas pra nós, prontas para o leitor consumi-las. Assim, a “fácil” exatidão toma conta da informação. A narrativa já se difere, A narrativa oferece ao leitor o poder de interpretação dos fatos.

Larrosa (2016) tece uma crítica comum às ideias de Benjamin (1987). Ambos autores falam sobre experiência de maneira diferente conceitualmente, mas partilham o pensamento ao

afirmar que o sujeito moderno “ultrainformado” consome inesgotáveis informações. Inclusive Larrosa se aprofunda em Benjamin para fundamentar suas ideias sobre o periodismo, a informação e a opinião como ameaça a experiência.

No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. Benjamin dizia que o periodismo é o grande dispositivo moderno para destruição generalizada da experiência. O periodismo destrói a experiência, sobre isso não há dúvida, e o periodismo não é outra coisa que a aliança perversa entre a informação e opinião. O periodismo é a fabricação da informação e a fabricação da opinião (LARROSA, 2016, p.21).

Os leitores estão imersos em muitas informações o tempo todo, com a evolução periódica se tornam imperativos em dar opiniões e precários em conhecimento. O que antes era um estado de interação coletiva com a narrativa e a história oral, se esvai com o periodismo. O ato coletivo de interpretar com a narrativa, imaginar com os contos e perpetuar a cultura, se torna solitário com a informação e com o romance.

Uma vez que o momento coletivo da narrativa entra em crise, a comunidade de ouvintes também se esvazia. Para Benjamin (1987) a arte de contar histórias está ligada à arte de contá-las novamente, logo, se não tem ninguém que escute, futuramente não terá alguém que conte, deixando então de perpetuar a cultura.

#### 4.2 O PODER DAS PALAVRAS: O ATO DE CONTAR E LER HISTÓRIAS

A palavra que atribuí sentido ao ato da contação de histórias é “VIDA”. É na ação da práxis reflexiva de nomear as ações com personalidade ao que perpetuamos, “o homem é um vivente da palavra”, impregnado pelo vocábulo o homem passa a não ter a linguagem como “faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra”(LARROSA, 2016, p.17). Tomado pela vitalidade do ser palavra, o homem se apodera da mesma como potência única de transformação, logo a palavra se torna valiosa, mágica, ela faz acontecer.

Para os contadores de história a palavra é atribuir sentimentos e sentidos. Ela é perpetuação e emoção. Assim, os contadores se “tornam guardiões de tesouros feitos de palavras (...) são chamados carinhosamente de “gente das maravilhas” pelos árabes” (MATOS, 2005, p.1).

Mágicas balsâmicas e arrebatadoras são as palavras dos contadores que ficam tão bem guardadas que se estabelecem como um tesouro vital de cultura e desejo.

Contadores de histórias sabem que as histórias são balsâmicas, nos curam, nos salvam, nos inventam, nos traduzem. Sabem que as histórias são ciência e arte, manifestação profunda do que existe disso que chamamos de humano em nós. Sabem que contar histórias é compartilhar experiências, saberes, ir ao encontro, abrir portas, olhar para dentro, olhar para o mundo. (SERPA, 2011, p.2).

Contar, ler e recontar, muitas formas de expressar a história. É nessa viagem do mundo da leitura que narrador e ouvinte embarcam. Ah! Que aventura! Contamos e lemos histórias para ensinar, para divertir, para adquirir conhecimento ou apenas para passar o tempo. Mas afinal, ler e contar, onde a diferença está? Depois do que me aconteceu pude perceber que há diferença: a experiência da tarde de sol.

A maneira como expressamos a palavra, a linguagem que envolve sua emissão e comunicação está envolta de diversas expressões, assim, se compõe de maneira muito particular a incorporação da história sendo contada ou lida. Cada uma dessas formas de linguagem tem seus códigos. Possuem funções distintas em seu uso, e através do mesmo nos apresentam formas distintas de ser e estar no mundo. As diversas formas de linguagem nos abrem um leque de diferentes visões que se traduzem em experiências únicas, assim aventura-se Larrosa (2016) a dizer sobre a linguagem.

A linguagem não é apenas algo que temos e sim que é quase tudo o que somos, que não pensamos a partir de nossa genialidade e sim a partir de nossas palavras, que vivemos segundo a língua que nos faz, da qual estamos feitos. E aí o problema não é só o que é aquilo que dizemos e o que é podemos dizer, mas também, e sobretudo, como dizemos: o modo como diferentes maneiras de dizer nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros. (LARROSA, 2016, p.58).

No ato oral de contar histórias, demonstramos a particularidade que afeta o contador, a relação de afeto estabelecida entre sujeito e história se entrelaçam com a descrição da cena, dos fatos que compõe a narrativa minimamente contada com sabor íntegro de subjetividade. Fatos descritos de forma verbal, prontos a serem libertos pelos lábios mágicos e transparecidos nos gestos pitam a estéticas cenas em carne e osso. O contador se transforma em puro conto, seus gestos, seu tom de voz se movem em um só momento. Matos esclarece ao dizer desta performance que “a entonação de voz imprimir sentido às palavras e desvelam para o ouvinte as emoções por trás do texto” (2005, p.7).

A linguagem toma dimensão de palavra e de corpo. Ao ouvir uma história oral, a percepção se concentra na audição, dando ao ouvinte uma “experiência de unidade” de “estar junto”. Matos (2005) reitera que a relação entre corpo e som os transforma em uma “unidade

auditiva”, centrando-se no sujeito que está no meio do campo sonoro. O som preenche o ser ouvinte como todo o ambiente onde se encontra.

A interação que se estabelece entre o narrador e o ouvinte é direta e viva e a espontaneidade é atração natural que há nesse momento encantado. Para Matos (2005) o conto é “a arte da relação”. Plateia e contador em harmonia, unidos pelas palavras recriam a história. Em meio às reações de ambos a história toma uma dinâmica outra, ainda não vista, assim todo ato é inaugural.

Através de suas expressões de espanto, de prazer, de admiração, de indignação, os ouvintes estimulam o contador, dá-se então a troca de energia. Isso faz com que um conto, embora possa ser contado mil vezes, nunca seja o mesmo, pois os ouvintes e os momentos são diferentes (MATOS, SORSY, 2005, p.8).

Em contrapartida, se o ato de contar gera no ouvinte uma relação próxima de unicidade interpretativa, a ação de ler as histórias se concentra em um ato interpretativo solitário. A voz do leitor é veículo de vida, pois o mesmo empresta para dar ânimo ao que já está grafado. O ato de ler dá ao ouvinte e o narrador liberdade para fruir separadamente levando-os a um recolhimento de suas ideias.

Neste caso as reações do auditório não se unificam a interferir na história que está sendo lida, nem mesmo transformam a ação interpretativa do leitor, pois o olhar se concentra nas letras impressas no papel. Em virtude de ter a palavra escrita como centro, em ler a história, a percepção passa a ser visual, como afirma Matos e Sorsy.

No caso da leitura (palavra escrita), o centro de percepção passa a ser visual. Se o som incorpora e unifica, a visão isola, separa, é o sentido da dissecação. Quando mergulhamos numa leitura, separamo-nos do mundo. Nossa “viagem” é solitária. Se a oralidade associa-se à ideia de grupo coletivo, a leitura associa-se à ideia do indivíduo em sua introspecção e reflexão analítica (MATOS, SORSY, 2005, p.7).

Para que a leitura se torne mais envolvente, o leitor pode dar tom e ênfase às expressões descritas em cada página de leitura. Mas ao oposto do ato de contar, não modifica o texto e não recria a história, mas é fiel à descrição de cada momento escrito pelo autor. Assim quem aprecia a leitura se envolve no mundo mágico que se forma ao escutar as palavras.

A situação de não modificar o texto não impede o leitor de ser um sujeito envolvido ao ato de ler e interpretar a história. É preciso senti-la, conhecer seus pontos e parágrafos, imaginar seus personagens para que ao som de sua leitura os personagens se tornem reais em cada letra pronunciada. É preciso sentir o “clima de história” e transparecê-lo em sua voz, para aguçar o desejo de ouvir.



E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encantamento...Que saiba dar pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 1989, p.21).

Tudo que leva a criança a entrar no mundo encantado pode ser usado, respeitando o texto na íntegra, as explicações imensas e recheadas de detalhes, só são validas no ato de ler se estiverem descritas na história, pois “deixam o campo mais aberto para o imaginário” pessoal. “Afinal, as descrições literárias, além de interessar mais aos maiores, são para serem lidas, e não ouvidas” (ABRAMOVICH, 1989, p.21).

A entonação, as pausas misteriosas, as ondulações da exclamação e as curvas dos questionamentos, tudo isso dá um ritmo de aventura à leitura. Para Abramovich (1989, p.21) “é bom saber usar as modalidades e as possibilidades da voz”. Compreendendo tais mecanismos, o texto unido à interpretação vocal respalda mais a mensagem e emoção que o texto quer passar ao seu ouvinte.

Alberto Manguel (1997) ao expor seu pensamento sobre a leitura ouvida, se deleita ao escrever essa experiência da apreciação dos detalhes ao ouvir quem faz a leitura. Quem está com o livro em suas mãos é porta-voz do encantamento. “Durante o ato de ler (interpretar, de recitar), a posse de um livro adquire às vezes o valor de um talismã” (MANGUEL, 1997, p.143). O valor mágico do talismã, equivale ao das palavras, força mágica encontrada no verbo, capaz de nos levar a outros lugares, realizar desejos e sonhar através palavra ouvida...

Ouvir a leitura de um livro era uma experiência um tanto diferente. O recital dos jograis tinha todas as características óbvias de uma representação teatral e seu sucesso ou fracasso dependia, em larga medida da capacidade do intérprete de variar expressões, uma vez que o tema era bastante previsível. Ao mesmo tempo em que dependia também da capacidade de “desempenho” do leitor, a leitura pública punha mais ênfase no texto do que no leitor. (MANGUEL, 1997, p.139).

A palavra lida desprende-se das páginas do livro dando a conhecer aos ouvintes a mensagem do texto. Toda interpretação da leitura emitida pela voz do autor vem da palavra escrita, fixada no livro e, por isso, é necessário que a criança saiba sua origem. A apresentação do livro leitor é uma forma de adentrar ao mundo da escrita.

É um momento de familiarização com o livro, uma oportunidade para introdução ao gosto pela leitura. O contato, ao vê-lo, ao manuseá-lo, a criança se lembrará do ato de ouvir a leitura da história e, mesmo que ainda não saiba ler, ela virará “página por página ou que pule

algumas até reencontrar aquele momento especial que estava buscando” (ABRAMOVICH, 1989, p. 21).

Por fim, contar e ler histórias é um momento mágico de encantamento, de emoção e suspense, mesmo que seja contar ou ler, o segredo está no abandono e no fascínio que nos causa. Ao ouvir podemos criar e nos transportar para outros lugares. O ato literário se apodera de nossos sentidos e nos faz viver algo novo, marcante, capaz de enriquecer a leitura que temos do mundo e nos leva a conhecer outros.

Os contadores de histórias foram os primeiros grandes educadores. Antes de criarmos este mundo que nos divide entre tantas especialidades eram os contadores de histórias que falavam dos mundos que habitávamos e dos mundos que habitavam em nós. Com suas narrativas desvendavam e criavam realidades, mergulhavam nas almas, curavam feridas, exploravam possibilidades... (SERPA, 2011, p.1).

Nesse clima de cumplicidade a sala de aula toma tom, cor e cenário do momento em que os antigos contadores se reuniam com seu público em volta da fogueira para aquecer corpo, coração e imaginação.

O cenário é diferente, mas o motivo é o mesmo: apresentar novos mundos, perpetuar a palavra e inquietar novos narradores, mas, ao invés de contadores são professores a dizer palavras encantadas. Se os contadores manejavam a arte de acender fogueira e espalhar as centelhas de seus contos nos corações dos ouvintes, despertando o desejo, então, há muito a nos ensinar.

Em noites frias de céu estrelado, homens, mulheres e crianças sentados ao redor de uma fogueira ouvem e contam histórias. Histórias reais de caçadas, aventuras, perigos de além mar. Histórias fantásticas sobre lutas de Deuses e demônios. Histórias de amor, de vida e de morte. Histórias onde dividem-se os medos, angústias, sonhos, alegrias, esperanças. Entre lágrimas e sorrisos vão aprendendo a falar de si, a falar do mundo, dos muitos mundos que existem dentro de nós. Vão aprendendo que as palavras de encantamento são poderosas, como é poderoso o ato de dizer. Envolvidos pelo mistério, pelas chamas, pelos olhares cúmplices de quem divide um segredo vão construindo laços, cultura e artes do viver. Vão refletindo sobre si mesmos e sobre os outros, sobre este estranho estar no mundo. (SERPA, 2011, p.1).

Aprendemos com os velhos contadores a arte de amar a palavra, para manter a chama acesa em nós. E ao dizê-las espalhamos fagulhas inquietas:

Ao contar e ouvir histórias retomamos nosso lugar junto a fogueira, reencontramos raízes perdidas, o cheiro e o gosto dos sonhos esquecidos, engolidos pelo cinismo e solidão dos dias tristes. Nos encontramos com os outros e com nós mesmos. (SERPA,2011, p.1).

Descobrimos que também podemos narrar nossas próprias histórias. Inventar e criar, e próprio da descoberta de quem foi tocado pela fagulha do ouvir. Ouvintes também são autores, narradores, podem viajar em suas próprias histórias.

Se a literatura é o mundo do possível (LAJOLO, 1982) então a palavra é sua porta. Não há nada mais precioso que a palavra para a literatura. Palavras são travessias, ligam mundos, atravessam muros e escalam montanhas proporcionando o encontro do aluno a leitura. Se o encontro vira então “experiência” (LARROSA, 2016), nunca será esquecido e desse encontro a diante a história se tornará parte e ajudará a ver o mundo de outra forma. Um olhar colorido. Olhar através das histórias. Como não me lembrar de Alice? Descoberta é sinônimo do País das Maravilhas. Só penso em Alice, em meio ao caminho de aventuras, depois de tantas vivências com o mundo mágico, descobriu um porto no meio do caminho ...

Caminhava pensativa quando deu de cara com uma porta no tronco de uma árvore. Abriu a porta, atravessou um corredor e foi parar naquela conhecida sala baixa com a mesinha de vidro de três pernas.  
- Agora sim sei o que fazer! – disse a si mesma. (CARROLL, 2010, p.18)

O contador de histórias. O narrador. Fiel à história original e encantador ao agregar a ela olhares, vozes, sentimentos e onomatopeias. Desperta nas crianças a curiosidade, o medo e admiração. Convida-as a ousar: criar e desenhar novas histórias ou novas versões das que acabaram de conhecer. Dialoga com a escola, com o mundo. Dinamiza o processo ensino aprendizagem. Carrega em sua essência a *Palavramundo*.

## **5. AS DESCOBERTAS DA PALAVRA MUNDO ENTRE LEITORES NARRADORES**

### **5.1 A LEITURA DO MUNDO ATRAVÉS DOS OLHOS DE ALICE**

Alice pegou a chavezinha dourada sobre a mesa, abriu a portinha que levava ao jardim, devolveu a chave sobre a mesa e, em seguida, mordiscou o cogumelo que fazia diminuir até conseguir passar pelo túnel. Com cerca de trinta centímetros de altura, ela conseguira, finalmente, desfrutar dos canteiros de flores de todas as cores e dos chafarizes que jorravam água limpinha e fresca. (CARROLL, 2010, p.18).

São incontáveis as aventuras de Alice. Seus olhos cintilavam emoção, e mais uma vez uma porta misteriosa se abria, não sabia o que esperar, depois de tantos encontros em um País tão pitoresco. A magia do lugar estava por todos os lados, nas árvores, animais, flores e até no vento. Porém, nada disso seria possível se o olhar de Alice também não fosse encantado.

A maneira de ver o mundo, com tudo que estava ao seu redor, dizia muito dessa menina aventureira. O olhar explicava suas relações, tecidas de puro mistério e curiosidade. Sua história permeava a “leitura,” criando suas próprias formas, cores, hábitos, sabores e, por isso, tudo era único e encantado. Ninguém poderia ver e perceber seu próprio mundo. O mundo através dos olhos de Alice é único e sem igual.

Nada é tão nosso como nosso olhar, juntamente com ele se desvela a maneira como vemos o mundo. As coisas mais simples se tornam grandiosas pela forma como as vemos. Como Alice somos alfabetizados por nossa visão antes de decodificar e desprender as letras do papel, temos sentimentos pelo desconhecido e amor em nossas lembranças. Como a “literatura” (LAJOLO,1982) a leitura é a arte do possível.

O sino toca para começar a aula. Abro a porta da sala. Todos entram. Guardam suas mochilas, pegam merendas cadernos e colocam em minha mesa. Mais uma semana de aula começando. A animação toma conta de toda escola. Barulho de conversa antes da aula começar. Pego o violão e vamos para o tapete, é hora da história, hora de ouvir as novidades e cantar acompanhando o violão... (DIÁRIO DE UMA PROFESSORA CONTADORA, 06 de abril de 2018).

O voo é próprio de quem anseia as alturas, de quem não se conforma em ficar apenas no chão. Alçamos voos através da vontade de conhecer novas palavras. Nosso veículo mágico é o tapete. Ele é tão mágico que é real, não apenas fruto de nossa imaginação de criança. Em minha sala há um e viajamos todas as tardes a partir da escuta e da criação das histórias.

Abastecido de imaginação e criatividade, seguimos viagem... Nosso destino é percorrer entre as histórias criadas por crianças, histórias carregadas de sonhos e brincadeiras. Muitas foram as descobertas, as descobertas das leituras de mundo aconteciam. Tudo isso consequência do encontro com a magia da leitura. As letras dançavam em nossas mentes e nós viajavamos em um tapete mágico, voando ... do real para o mundo da imaginação...

Figura 6: Alice e o coelho viajando no tapete mágico no mundo das histórias.



Fonte: Arquivo pessoal. Presente de minha irmã Júlia de 8 anos. 2020.

Escrevo nesta pesquisa momentos da descoberta da palavra mundo e seus encantamentos, em meio a histórias produzidas por meus alunos em nosso cotidiano. Percebo que nossos autores literários, se apoderam das palavras e das leituras que fazem de si e do mundo, imbricando suas relações e conhecimentos de vida. Mesmo antes da palavra decodificada, a leitura e a criação das histórias acontecem pela leitura do mundo.

Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo particular em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (...) Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1986, p.12).

## 5.2 “AS ESPIÃS”

Depois de viver com elas a contação de muitas histórias, pedi as crianças que desenhassem uma história, uma história de autoria deles, algo que viesse na imaginação. Interessante que um a das crianças disse pra mim:- “Tia eu tenho imaginação e criatividade”. Me delicieei quando ouvi essa fala. (DIÁRIO DE UMA PROFESSORA CONTADORA, 03 de Maio de 2018).

Depois da proposta feita, todos começaram a desenhar suas histórias e me candidatei a escrevê-las das histórias daqueles que quisessem. Fiquei entre o desenho e a palavra. A palavra ENTRE me remeteu a um lugar de reciprocidade, pois aquele que está dentro faz parte do afeto de confiar o que é precioso. E nesse caso me confiaram a palavra e isso me faz sentir Larrosa quando esse nos leva a pensar:

Por isso, atividades como considerar palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, impor palavras, inventar palavras, jogar com as palavras impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são meros palavrórios. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (LARROSA, 2002, p. 21).

Eles se colocaram a criar e uma das criações me saltou aos olhos. A menina dos cabelos encaracolados da cor do sol, dos olhos claros, chamada Manu. Leva em minha mesa sua folha para contar sua história e eu pergunto:

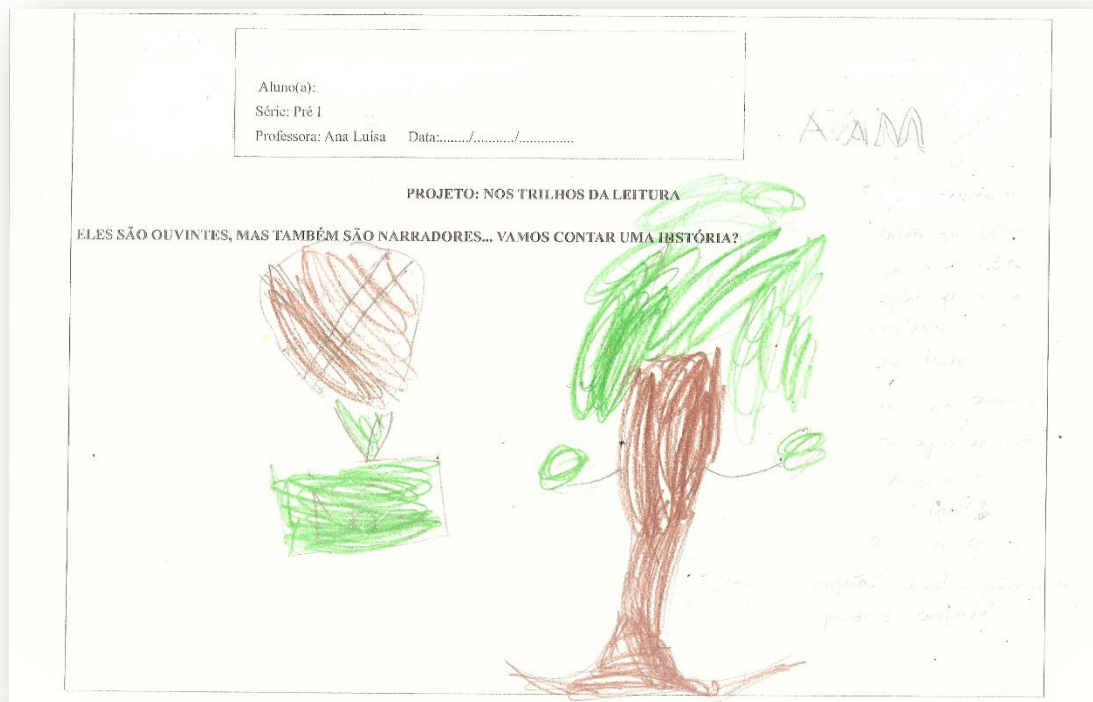
Eu:- Qual o nome da sua história?

Ela:- “As espiãs”

Fiquei intrigada com tal título, pois me fazia lembrar da palavra mistério. Acredito que me remeti a tal palavra de maneira conjunta, pois ela colocou as mãos na boca para contar um segredo e falou baixinho. De fato, era uma história segredo.

Eu:- Me conta sua história. E ela começou a narrar...

Figura 7: “As espãs”



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

#### As espãs

Alguém roubou um balão que bateu na árvore. E a espã foi ver o que aconteceu e ela também bateu na árvore. A espã conseguiu descobrir o culpado.

Tem uma música que canta assim:- “Espãs são importantes descobrem pistas, descobrem casos e prendem o culpado”.

Foi encantador escutar a história, me lembro da aluna sorrindo ao fim. Mas ainda havia algo que me perturbou no desenho, ao lado direito havia três letras que a autora havia colocado. As letras eram A A M. Não sabendo do que se tratava as iniciais eu perguntei.

Eu:- O que são essas três letras A A M?

Ela:- Tia, esse é o número das espãs.

Eu:- Mas o que significa?

Ela:- São as iniciais dos nomes delas. O meu e das minhas duas irmãs. Anita, Amelie e Manu.

Ao fim pude perceber que aquela história era de fato secreta, havia um código e havia atores reais, essa história descrevia as brincadeiras que acontecia em casa com suas irmãs. Eram três irmãs, e por isso são Três espãs demais. (DIÁRIO DE UMA PROFESSORA CONTADORA, 03 de Maio de 2018).

O desenho, a narrativa e o mistério da história, transbordaram o “potente mecanismo de subjetivação”, as iniciais dos nomes e a maneira de grafar o mistério no desenho com as letras mostra genialidade, para mim e para a menina, porque não pensamos com pensamentos, mas

com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras (LARROSA, 2016, p.16). A narrativa dessa história, era a leitura de mundo que a menina dos cabelos cor de ouro fazia de suas brincadeiras. A leitura por seus olhos tomava tom e fôlego de mistério.

Apreendi, com o maravilhar do cotidiano, que as crianças querem contar histórias todo o tempo, antes de qualquer experiência literária de outros autores, somos perturbados e compartilhamos nossas experiências. Através deste pensar entendemos o quanto a “palavramundo” faz sentido, e sua leitura é um passo de existência.

Acometida pelos tremores da prática, como professora posso afirmar que fui tocada pela experiência como Larrosa: “A experiência é o que nos passa, o que nos toca, o que nos acontece” (2016, p.18). É na experiência do criar que nasce a literatura como arte do descobrir a palavra, faz nascer algo novo, próprio de quem brinca com as letras e se reinventa em expressão.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perspectiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 1986, p. 13).

Se deparar com a visão de mundo de Freire refletida em letras, descreve seu encanto pela minúcia, através dos detalhes encontramos o seu olhar da infância. Assim como Alice ao morder o cogumelo para entrar na porta do belo jardim e desfrutar do mundo que seus olhos contemplavam, também percebemos o mesmo sentimento de encantamento.

A força do olhar e ler o mundo em ambos habita a infância. Para a criança, a palavra mundo é a magia. A contação da história forma o cenário onde tudo acontece, tanto para Freire como para Alice a infância será perene com gosto inacabado de magia de história.

Assim como Alice nos apresenta com detalhes sua leitura de mundo Paulo Freire também a faz de maneira muito minuciosa, nos levando a sentir nas entre linhas a vitalidade dos fatos escritos.

Descritas em sua obra “A importância do ato de ler”, originalmente publicada em 1982, aguça a sede do descobrir, pois o autor mesmo “relê” sua infância e encontra em suas memórias, o fazendo reviver, recriar, lembranças de seu primeiro mundo. A casa em que viveu no Recife, o grande quintal com suas árvores frondosas que em sua sombra a brincadeira acontecia. O brincar na terra se fazia chão de acontecimentos e aprendizado ao qual Freire (1986) afirma: “o



chão foi meu quadro-negro; gravetos o meu giz”. O sentido e as descobertas habitavam em cada momento. A alfabetização estava acontecendo, o canto do sabiá e de outros pássaros, as fortes ventanias, fazendo as copas das árvores dançarem, o amolecer das mangas avisando o tempo de colhê-las. O contexto se tornava texto e as ações se tornavam palavras. Tudo se tornava palpável, através de sentidos, ações e relações.

Os textos, as palavras, as letras daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber-se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 1986, p. 13).

A leitura de mundo se forma, com os pequenos atos corriqueiros do dia a dia. É na percepção da vida e seus acontecimento que a “leitura” destes nos introduzem “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (1986, p.19).

A alfabetização da “palavramundo” se descortinava ao olhar freiriano. Abrigando-se na minúcia das descobertas, desenrolando-se para além da palavra escrita decodificada, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1986, p.11).

(...) uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1986, p.11-12).

Esse emaranhado dinâmico de realidade e linguagem nos fazem perceber que nossa compreensão de mundo dialogada com a palavra escrita e o mundo que o circunda permite criar significados próprios. Assim, seguimos alinhavando leituras. Leituras de mundo com a leitura das palavras. Nos desafiamos então a refleti-las e, com elas, habitamos em um campo sinuoso com o que elas nos provocam.

A partir da reflexão chegamos a uma percepção singular. Se vasculharmos dentro de nós encontraremos o sentido para a maneira que lemos, pois está inundada de subjetividades e compreendemos o mundo e, posteriormente, a palavra escrita. Com esta visão de seres inacabados, perduramos nossas leituras, pois descobrimos a necessidade de nos reinventar, reler

e atribuir sentidos às nossas práticas, e com elas continuamos a reinventar nossos mundos, pois “O mundo não é. O mundo está sendo” (FREIRE, 2001, p. 85).

### 5.3 NOSSAS VIAGENS, NOSSAS HISTÓRIAS...

“Chapeuzinho do outono”

Trabalhando um projeto de leitura com meus alunos da turma de 2019, intitulado “Nos trilhos da leitura”, realizamos a leitura de alguns livros que eram itinerantes. Os livros circulavam nas casas dos alunos, para que vivenciassem o encontro com a leitura não só na escola, mas também em casa com seus pais.

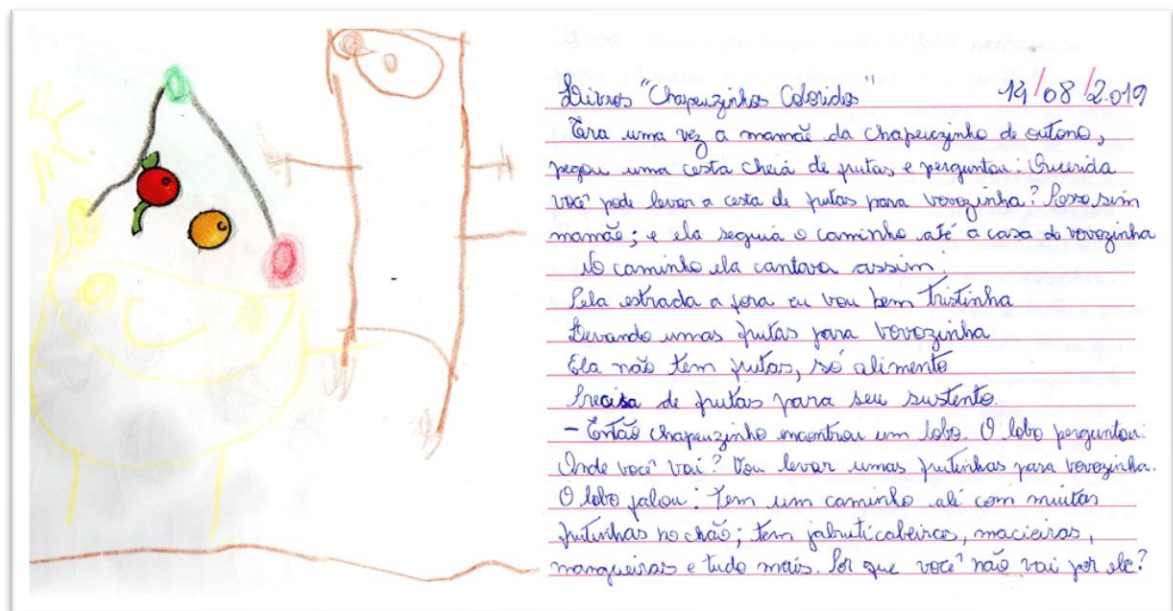
O objetivo maior do projeto foi realizar a fruição da leitura de maneira afetiva, promovendo o momento do encontro dos afetos. Englobar os pais nesse momento tornaria preciosa a leitura. Gostaria de compartilhar uma vivência que me afetou. Um aluno levou para casa o livro: “Chapeuzinhos coloridos” de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. A experiência com os vários chapeuzinhos foi encantadora, de diversas cores, e histórias únicas; ela possui os mesmos personagens da história oficial do chapeuzinho vermelho, a chapeuzinho, a mãe, o lobo, a vó e o caçador, mas com diferentes versões.

Figura 8: Releitura da capa do livro Chapeuzinhos coloridos- Inácio de 4 anos



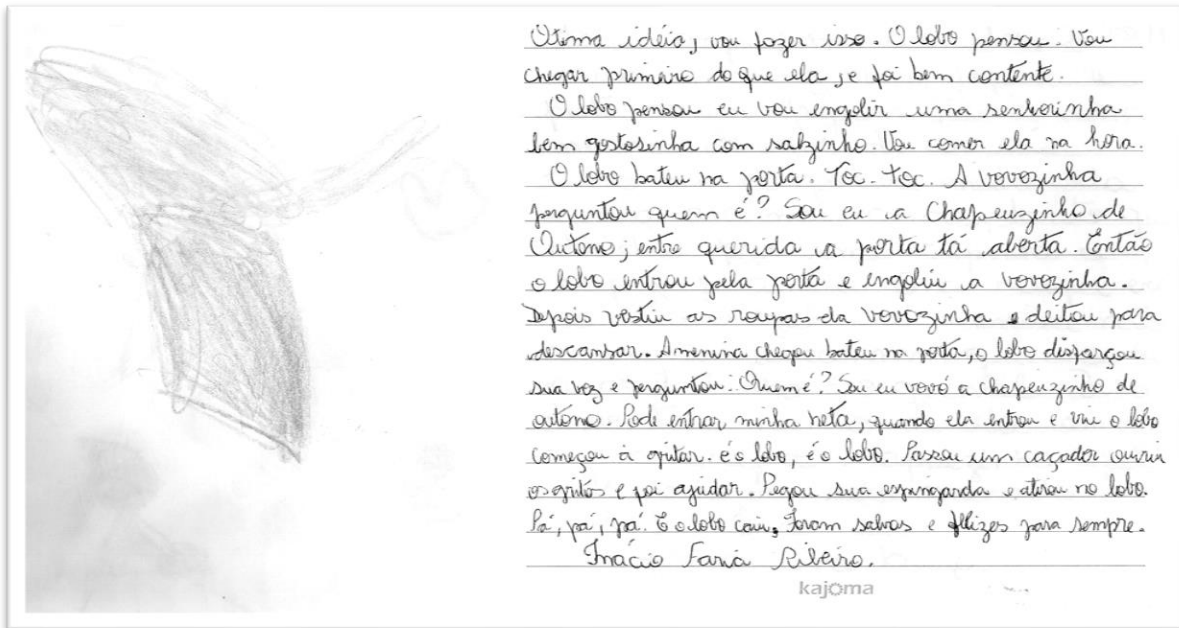
Fui surpreendida com uma nova versão da história de chapeuzinho criada por Inácio. Demos boas risadas com a alegria ao ouvir o menino contar como ele criou a história. Sua mãe a escreveu e nos enviou com seus desenhos autorais. Nos sentamos todos no tapete para ouvir a leitura da história. Foi assim que recebemos a história ...

Figura 9: Chapeuzinhos coloridos- Inácio de 4 anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Figura 10: Chapeuzinhos coloridos- Inácio de 4 anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Depois de tanto caminhar com Alice e levar suas leituras em meu pensamento para minha sala de aula, percebi que temos muito em comum, além da curiosidade excessiva e a procura por aventuras. Alice e eu abrimos portas e visitamos lugares inéditos, amamos histórias. Ela abre a porta para o País das Maravilhas e eu todos os dias abro a porta para meu mundo das maravilhas, minha sala de aula. Neste fantástico lugar do aprender, conhecemos mais mundos além do nosso. Cada criança é um mundo único e inédito. Cada uma abriga em seus pensamentos “um mundo” e, com ele, a mágica leitura acontece.

Eu e as crianças vivemos muitas aventuras e viajamos pelas histórias. Andamos pela estrada da floreta, encontramos lobos famintos e meninas de capuz vermelho ou de qualquer outra cor que desejamos imaginar. Após me deleitar com o encontro que Inácio me proporcionou com a chapeuzinho do outono, nunca mais irei ler ou fazer a leitura de “chapeuzinho vermelho” da mesma maneira.

Ao invés de bolo, doces para presentear a vovó, o melhor seria frutas colhidas no outono para uma senhora de idade. Penso em como dialogamos com as crianças sobre a boa alimentação e percebo o reflexo disso em sua história. Levamos nosso mundo para histórias e damos histórias ao mundo, para perpetuar o que somos e pensamos dele.

Outro traço peculiar ao ler a história de Inácio são os traços de oralidade do menino grafados de maneira muito fiel pela escrita da mãe. A autoria na imaginação e nas palavras nasceram de um referencial refinado por sua subjetividade e impulsionaram a criação de algo

novo por Inácio. A sequência histórica dos fatos, a coerência em caminhar com as partes da história, a perspicácia de colocar efeitos sonoros.

Aprendi com as crianças que nossas leituras são inaugurais, engraçadas, são de tirar o fôlego, quando desejamos pertencê-las. Tem sabor de novidade. Gosto de me lembrar das vozes me contando o que seus olhinhos curiosos avistaram. Elas conseguem encontrar palavras para descrever o imprevisível das descobertas que suas leituras podem fazer. Quando penso nas crianças fazendo suas leituras de mundo e as compartilhando em minha sala, logo me remeto às leituras de Albert Manguel, em sua obra “Uma história da leitura” (1997), ao puxar as reminiscências de sua descoberta da leitura em sua infância.

Então, um dia, da janela de um carro (o destino daquela viagem está agora esquecido), vi um cartaz na beira da estrada. A visão não pode ter durado muito; talvez o carro tenha parado por um instante, talvez tenha apenas diminuído a marcha, o suficiente para que eu lesse, grandes, gigantescas, certas formas semelhantes às do meu livro, mas formas que eu nunca vira antes. E, contudo, de repente eu sabia o que eram elas; escutei-as em minha cabeça, elas se metamorfosearam, passando de linhas pretas e espaços brancos a uma realidade sólida, sonora, significante. Eu tinha feito tudo sozinho. Ninguém realizara a mágica para mim. Eu e as formas estávamos sozinhos juntos, revelando-nos em um diálogo silenciosamente respeitoso. Como conseguia transformar mera linhas em realidade viva, eu era todo-poderoso. Eu podia ler. (MANGUEL, 1997, p.18).

Sentir-se poderoso ao descobrir por saber e entender é um momento de realização. O poder da descoberta do uso da linguagem descrito por Manguel é fomentado pelo enigma, descobri-lo é se sentir mágico, perspicaz e encorajado a voar em busca de novas leituras. Penso na imensidão do mundo, viagens e descobertas, me vejo mais uma vez em minha sala com as crianças. Em nossa cena comum de todo os dias para descobrir mais uma história ...

#### 5.4 “CONTAR PARA DORMIR”

Ao findar da tarde, depois das correrias do parque, entramos em sala, terminamos algumas atividades e logo começou a brincadeira. Enquanto todos os outros se colocaram a brincar com peças de encaixe, carros e massas de modelar, fui “cutucada” pela pergunta de todos os dias: “Me dá uma folha branca?”. Sem questionar muito, entreguei uma folha, mas o menino logo retrucou dizendo:- “Eu preciso de mais”. Entreguei mais duas folhas brancas e esperei para ver.

As pequenas mãos foram ao armário e agarram um vidro de cola branca. Veio ao meu encontro e me pediu para unir as folhas como um livro. Eu as uni e o entreguei. Me coloquei a espiar, pois eu só queria entender aquela criação.

Em meio ao momento do “Caos” me sentei ao lado do criador de livro, que enquanto desenhava sua obra autoral, Inácio tinha ao seu lado um outro livro; um livro de alguém. Não me contive e comecei uma conversa e logo o indaguei: “O que está fazendo?”

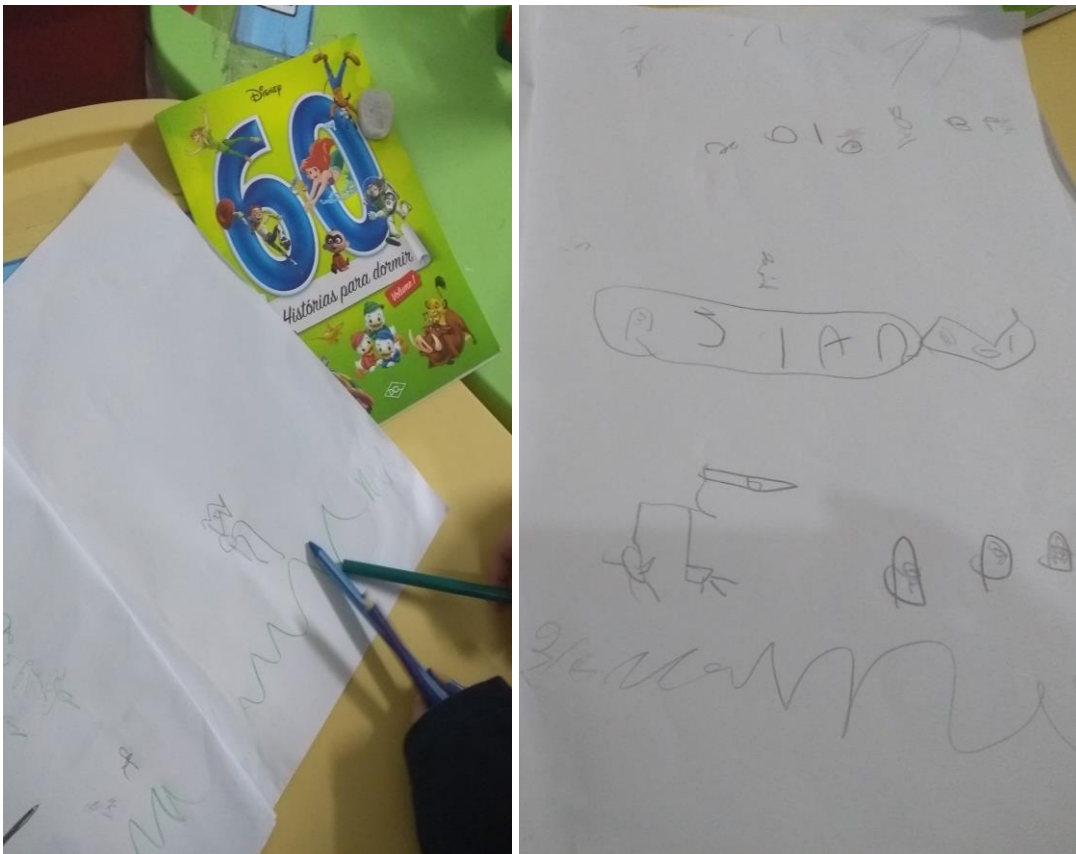
Ele me disse: “Estou escrevendo uma história para minha mãe” Ao ver aquele outro livro ao seu lado entendi. E perguntei: “Ela conta histórias pra você sempre? Ele respondeu: “Ela conta pra eu dormir”. Logo me interessei pela história, pois o prazer do menino não era ser somente autor de uma história, mas de um momento especial entre ele e sua mãe. Ser o autor da história do momento do afeto, entre a criança, a mãe e o livro, de fato era algo importante.

O jacaré

O jacaré saiu para passear, brincou no rio com os outros jacarés.

Depois de viver muitas aventuras, ele foi pra casa ficar com a mamãe dele e dormir. A mamãe dele contava muitas histórias e ele dormia feliz. (DIÁRIO DE UMA PROFESSORA CONTADORA, 16 de maio de 2018)

Figura 11: Contar para dormir- Inácio, 4 anos



Fonte: Arquivo pessoal. Presente de minha irmã Júlia de 8 anos. 2020

A descoberta está muito próxima de quem é caminhante, sem medo se ser acometido por outras relações ou medo errar. Assim como Alice, fui tomada pelas descobertas que pude fazer com as crianças e sobre seu modo de pensar e ler os fatos. Somos seres da criação e queremos transformar o meio para dar sentido ao que vivemos. É assim que queremos reviver. Mas, o que é reviver?

Verbo transitivo e intransitivo. Voltar à vida, renascer, revigorar-se, renovar-se. Trazer o renascimento da memória é fazer a opção de dar a vida algo que passou, mas se faz repleto e tomado na dimensão dos afetos.

Para Portelli (1997) as fontes orais e narrativas têm a sensibilidade de encurtar a distância cronológica entre os fatos, envolvendo os sujeitos de maneira mais íntima. Estas podem estar apoiadas em informantes orais ou registros concretos, cartas, matérias de jornais, fotos, recortes, livros, diários entre outros, com o propósito de os tornar perene.

Portelli (1997), ao dizer sobre a memória, retrata que esta não só é utilizada como “depositário passivo dos fatos”, mas também sistemas de significação e criação. Utilizada pelo historiador não só do que jaz no passado, mas no arvorecer das mudanças, ramificando-se em buscar sentido no passado a “formar” significações no presente através da narrativa. Criar uma narrativa é deixar nascer a leitura e, assim, a leitura se torna o lugar do possível e nossa memória nos desafia a lê-lo e relê-lo sempre, com intuito de manter nossas lembranças vivas. “A memória busca rastros no labirinto das lembranças, tateia até encontrar nossas primeiras leituras, aquelas que um dia vivemos e ainda está à nossa volta, podemos apalpar: a leitura de mundo” (MAGALHÃES; CALLAI, 2020, p.2).

Olho para história de Inácio e sinto a vibrante experiência de manter a memória da sua mãe contando histórias para dormir. Com muito afeto, o momento se perpetua em uma narrativa metafórica. Ao usar personagens de sua preferência, nos reporta ao momento “conta para dormir” descrito por ele em nossa conversa.

Através dos olhos de Freire” (1986), vejo que a leitura da “palavramundo” descrita em história por Inácio se alarga a um novo horizonte. Ao encontrar-se com a escola, o estar com a professora e os amigos, envoltos por relações únicas seu campo de visão se expande ao novo. O desafio de ser autor de sua história, leva a ousadia da escrita, tornando ato o concreto das ideias. O estar na escola e aprender a decodificar as letras e reconhecê-las, o faz transportar pensamento e sentidos, transformando-os em figura letrada e desenhos.

Antes o que o era imaginário, agora ocupa o papel e se enchendo daquilo que somente o autor pode chamar de seu. Suas letras, seus desenhos, suas histórias. Há uma emancipação subjetiva na tentativa de iniciar a escrita para si e para outros.

Inácio, já lia seu mundo, pintava seus afetos com luzes narrativas. A escola o ensinou a grafá-lo com as letras, para que outros pudessem ler suas ideias coloridas. Antes de ser alfabetizada pelas letras, a criança foi alfabetizada pelo sabor e saber das experiências com o mundo. Assim também foi com Freire, ao narrar sua experiência de visitar sua escola primária.

Por isso é que, ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos, cujo desaparecimento recente me feriu e me doeu, e a quem presto agora uma homenagem sentida, já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE,1986, p.16-17).

A percepção do espaço escolar para Freire e para Inácio nos alude a uma relação semelhante. Encontro Freire nas repostas de meu diálogo com Inácio, e suas ações descrevem a ideia a que Freire se refere quando menciona a “leitura” do mundo e a leitura da “palavramundo”. Ambas “leituras” se dão com o olhar aguçado do sujeito e de suas experiências de ser e estar imerso em sua realidade.

Penso que “ler” o mundo antes de ler a palavra, seja tatear as experiências sensíveis de tudo aquilo que nos constitui como sujeitos, conjuntamente com o que está ao nosso redor. “Lemos” as minúcias das vivências, tateamos, sentimos as fragrâncias, percebemos lugares e os habitamos.

Freire em seu livro “A importância do ato de ler” (1986) descreve suas primeiras “leituras” de mundo, de seu pequeno mundo compartilhado com seus pais, irmãos, o quintal de terra e sua velha casa no sítio. Ao narrar suas lembranças de “leitura”, nos faz entender que o balançar das árvores, a mudança de cor das frutas pelas estações e as fortes ventanias que anunciavam a chuva é leitura. A leitura se dá pela percepção, relação e contato. Por meio destas expandimos o nosso conhecer.

Os “textos”, as “palavras”, as “letras”, daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das folhagens, no cheiro das flores,- das rosas, dos jasmims-, no corpo das árvores, na casca dos frutos. (FREIRE,1986, p.13).

Uma vez com essas descobertas de “leitura” aguçadas, encontramos um mundo letrado como arte de comunicação. Escrito, redigido, plural em pensamentos. Ao encontrá-lo também queremos nos comunicar com ele, queremos escrevê-lo. Para outras descobertas socializamos a escrita, adentramos a escola, para escrever palavras, frases e sentenças. Levamos conosco todas as nossas “leituras”, pois como sujeitos inteiros e inacabados.



Não dissecamos vivências e apartamos aprendizados, mas o carregamos com sentidos próprios. Somos introduzidos a uma nova vivência, alfabética e silábica, de um conhecimento outro, apreendemos os códigos.

Seguimos sem ponto conclusivo, seguimos a vida. O processo de Alfabetização não se finda, se segue com a vida. O reinventamos dinamicamente à medida que associamos os textos, contextos e palavras à realidade. Volto meu olhar mais uma vez à realidade da escola, minha vivência com as crianças em sala. Percebo que além da escrita, as crianças querem expressar de muitas formas sua “leitura” do mundo, por meio dos desenhos.

Todas as vezes que eu era surpreendida com uma história, ela vinha desenhada com letras grafadas. Uma obra de arte em forma de história. A cada desenho uma história para contar, além das cartinhas escritas com carinho. Todas que já recebi vinham com desenhos e letras. Compreendo que tudo que foi depositado no papel foi uma forma de expressar. Em todo papel há uma história. No desenho há escrita, no desenho há o que contar...

#### 5.5 VOU DESENHAR UMA HISTÓRIA: “O ALIEN, O E.T E O ROBÔ”

Depois das férias do meio do ano voltamos às aulas com um projeto de leitura. Logo nos primeiros dias, fui presenteada com uma linda história por Inácio, aluno da turma de 2019, uma criança muito curiosa que gosta de usar palavras novas e difíceis. Ele sempre consegue me surpreender. Inácio chegou a minha mesa com um desenho e me disse que havia feito um desenho de um Alien, o ET e o Robô, e logo me disse é uma história.

Antes que ele me contasse o que era, o desenho me chamou muita atenção. Os detalhes de cada uma das criaturas. E eu perguntei se ele poderia escrever e me contar, pois iríamos contar para os outros colegas. E ele escreveu a baixo do desenho algumas letras e me trouxe de volta. Pedi que Inácio me contasse e ele disse assim...

Figura 12: “O Alien, o Et e o Robô” - Inácio de 4 anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O alien, o ET e o Robô.

Era uma vez o alien, o et e o robô, juntos eles faziam muitas missões. E juntos eles viviam no espaço. O alien morava no espaço, o et em Júpiter e o robô em outro planeta da galáxia, eles se uniam para combater muitos vilões do mal.

O et começou a furar a Terra para ver se havia alguma coisa dentro, mas voou em sua nave espacial para ajudar seu amigo alien que já estava em Saturno. Quando de repente Saturno começou a girar muito rápido e eles foram combater o monstro de gelo. Eles chamaram o amigo Robô e fizeram uma grande radiação. E agora todos eles se reuniram para ficar mais fortes e combater o monstro do gelo. E eles viveram felizes para sempre. Fim!

Assim que Inácio me contou, eu anotei tudo. Não poderia perder uma história tão interessante. Logo pedi a ele que contasse aos colegas e ele ficou entusiasmado. Foi para frente das carteiras e chamou os amigos para olhar o desenho. Ele mesmo contou a narrativa apontando para o desenho. A plateia fez perguntas e ele as respondeu atentamente, sempre mostrando os detalhes das criaturas que desenhava no papel.

A partir dessa história “O Alien, o Et e o Robô”, algo me tomou por completo, sinto não perceber o que estava a todo tempo bem à frente de meus olhos. Como Alice ao se deparar com o País das maravilhas, sinto-me viva. Esse sentimento foi despertado pelo desenho da história

de Inácio. Os desenhos sempre foram presença marcante, desde o início da pesquisa e posso dizer que foi um dos sinais iniciais, pois com eles compreendi que a literatura autoral das crianças estava se tornando algo frequente em nosso cotidiano. Reconheço cada desenho como registro narrativo, pois todos são expressão de subjetividade. “Porque o desenho para criança é uma linguagem como gesto ou fala” (ALBANO, 1991).

Acredito que compreendi o segredo dos rabiscos e bolinhas, quando os comecei a ver como linguagem. Percebi isso por trás das cores no papel, enquanto o brincar acontecia e eu corrigia os cadernos e as crianças produziam histórias com suas brincadeiras e pensamentos. Me comunicavam o que pensavam do mundo, delas mesmas, de nossa relação e da escola. Tudo se misturava, realidade e fantasia se desmitificam com uma fala corrente: “Tia, me dá uma folha branca...” A fala mais potente, acontecia com os lábios, com as cores e com o papel. O ato de desenhar é fala.

A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes da criança aprender a escrever a criança se serve do desenho. (ALBANO, 1991, p.20).

Vivenciamos as estéticas das subjetividades em sala. Foi “experiência” (LARROSA, 2011) este acontecimento. Olhei o desenho no papel e posso dizer que aprendi, fui alfabetizada pelos traços, linhas e pontos. Para muitos, poderia ser a leitura do invisível. “Poderia falar-se, então, de uma alfabetização que não tem a ver com ensinar a ler no sentido da compreensão, senão no sentido da experiência” (LARROSA, 2011). A leitura demanda de nós compressão intelectual e dos afetos que deleitamos no momento de seu ato. Ser alfabetizado pela experiência, como aponta Larrosa (2011), é permitir-se a mudança, a afetação.

Foi pelo ato de me permitir que me senti hospitaleira para receber o desenho/história, o aprendizado e a alfabetização. O aprender com crianças é um gostoso processo no qual leitores e narradores se misturam o tempo todo na medida em que para criar uma nova história, para incentivar a imaginação e conhecer palavras novas, o narrador deve ser também um bom ouvinte e um bom leitor.

A palavramundo é a expressão, é a voz; são as vozes que crianças, mães, avós e professores partilham. É o encontro do passado com o presente, da memória, da tradição com os que chegam ao mundo.

## **A CHEGADA SEMPRE É PARTIDA E AMBAS SÃO ENCONTRO: O DESPERTAR DO SONHO ENCANTADO**

De repente, se viu deitada na grama verde, com a cabeça apoiada no colo da irmã. Algumas folhas secas tinham voado em seu rosto e a irmã tentava afastá-las.  
 - Nossa, eu estou aqui! – disse Alice.  
 - É claro que está, minha querida. Como você dormiu...- disse a irmã.  
 - E tive um sonho incrível! – disse Alice, contando todas as aventuras de que tentava se lembrar para a irmã. (CARROLL, 2010, p.32).

Talvez essa dissertação tenha começado a ser elaborada na minha infância. Em cada história que a minha mãe contava. Em cada detalhe que eu apreendia. Sim. Vestidos, cores, castelos, florestas, festas, animais. Muitos sujeitos. Cada um com suas particularidades.

Muitas vezes saí como Alice, por aí, para buscar sentido onde ele menos importa. Assim como na sala de aula, muitas vezes, nós professores buscamos somente os métodos e não nos abrimos a novos caminhos de ensinar e de avaliar. Quando retraímos a busca pelo novo, limitamos o desenvolvimento crítico de uma “*práxis*” potente. Uma vez que não nos aproximamos de uma autoanálise humana e mais consciente do modo de ensinar, este processo, reflete na relação que estabelecemos com os alunos.

Por isso precisamos da *palavramundo*. De uma alternativa para o mundo sem graça no qual o tempo passa muito devagar. Sim. Deve haver um lugar melhor. Sei que de barco ou de trem pode ser difícil chegar, pois o mundo das maravilhas é tão longe e tão perto. Logo ali depois do Sol, depois da chuva, bem ali além do arco-íris, e um sonho tão azul que me leve a sorrir e ser criança novamente.

Quando fechei os olhos, suspirei fundo depois de ouvir algumas palavras que pareciam me apontar o caminho, senti o frescor curioso que procurava para saciar minha imaginação que não parava de criar. Lembro de Alice e da irmã caminhando para dentro de casa em silêncio. Alice tinha sonhado. Não era um sonho qualquer. A irmã torcia para que ela, quando crescesse, conseguisse preservar essa inocência, a imaginação e as histórias fantásticas.

Quando lemos uma história nós a habitamos. As capas dos livros são como um telhado e quatro paredes, uma casa. Mais que tudo no mundo, amo o momento quando termino o livro, pois a história ainda continua se desenrolando, como um sonho vivido em minha cabeça. Depois disso gosto de sempre contar as pessoas, para esvaziar-me dos sentimentos que os livros e toda sua trama me provocaram. Tudo ainda continua pulsando.

Compartilho com as crianças o encharcar das histórias, momento que nos deparamos com o aprender a ouvir e socializar. Esse momento muito referente ao sentido léxico da palavra

encharcar, que pode ser refletido no sentido de inundação. Somos inundados de histórias que compartilhamos juntos. Histórias que eu levo para apresentar algum conteúdo, histórias que as crianças levam, histórias que escolhemos juntos. O momento de sentar no tapete é o momento da inundação.

A viagem foi longa. Ela começou com uma aventura atrás do coelho branco e caí no mundo fantástico das histórias e, juntas, perseguimos o coelho branco. Remexendo minhas memórias de infância e minha vida escolar narrei meus atravessamentos e encontros com as mágicas palavras do ato de contar. Tem muito de minha mãe contadora, repleta de recursos sonoros e expressões faciais.

Assim cheguei à pesquisa e descobri junto com as crianças a leitura da “palavramundo” (FREIRE, 1986) e a partir dela a arte de inventar e narrar histórias. Narramos muitas. Elas foram registradas em meu diário. Cada expressão. Cada pergunta. Cada emoção. Não queria perder ou esquecer nenhuma delas. Quantos sentimentos!

No encontro com o gato foram muitas as surpresas do caminho, pois sempre que estamos à procura de aventura podemos nos surpreender com encontros inusitados que nos esclarecem sobre qual direção seguir. Como Alice foi surpreendida pelo gato de longo sorriso, posso dizer que a imprevisibilidade do cotidiano me apontou a direção. Assim foi possível um encontro com a metodologia narrativa, a partir da discussão com autores selecionados e experiências vividas.

Na hora do chá foi possível compreender que uma boa mesa de chá é como uma roda da novidade da Educação Infantil é fonte de “diálogo” (FREIRE, 1987). Essa descoberta veio a partir do que Alice me ensinou ao encontrar o chapeleiro e o coelho branco em uma mesa de chá. Assim a história entra na roda. A roda de diálogo que é momento de único de troca com as crianças, instante de descobertas, de muita contação de histórias, lugar gerador da palavra, onde o silêncio e as vozes entram em sintonia. Leitura, contação, olhares e silêncios se alternam neste encontro.

Inesperado, um passeio curioso na floresta resultou em: “Tia conta sem o livro”, isto é, foi preciso dar uma resposta a essa afirmação perturbadora e seus efeitos causados na prática de contação de histórias. Improvisar. Usar todos os recursos conhecidos e experiências anteriores. Cada desenho de minha irmã ou dos alunos demonstram que vale a pena se lançar neste desafio.

Eles são ouvintes, mas também são narradores: uma viagem no tapete mágico com autores: Subimos no tapete mágico e desfrutamos do belo percurso a conhecer histórias criadas

por crianças, suas leituras e repostas autorais, conversando e descortinando a “palavramundo” presente em suas histórias.

Assim, a chegada sempre é partida e ambas são encontro: o despertar do sonho encantado. Uma pesquisa assim não chega a conclusões. Ela apenas aponta caminhos para novos caminhantes, pois, sem dúvida, não é o fim da aventura, ou o acordar do sonho encantado, mas é o começo de mais uma nova história. De muitas outras histórias!

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil. **Gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione 1995.

ABREU, M. **Cultura letrada: literatura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ALBANO MOREIRA, A.A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1991.

AHAGOFF, A. P. **Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. Artigo apresentado na XI Semana de Extensão, pesquisa e pós-graduação – SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015.

BARBOSA. M. C. **Tempo e Cotidiano- tempos para viver a infância**. In: Leitura: Teoria e Prática. Campinas, 2013.

BENJAMIN, W. O Narrador. **Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALLAI, C. A relação da pesquisa com a escrita e com as possibilidades de dizer de si. In. CALLAI, C. RIBETTO, A. (orgs). **Uma escrita acadêmica outra: Ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro, 2016.

CARROLL. L. **Alice no País das maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CARROLL. L. **Alice no País das maravilhas** — Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português. Editora Arara Azul, 2002.

CLANDININ, D. J; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** 49. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não.** Rio de Janeiro: Olho d'água, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, R.L. **A difícil arte/ciência de pesquisa com o cotidiano.** In: GARCIA, Regina Leite (Org.) *Método, métodos, contramétodo.* São Paulo: Cortez, 2003.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças.** In: *Cadernos de Pesquisa*, n116, p.41-59, julho. Departamento de Educação PUC. Rio de Janeiro, 2002.

KRAMER, S. **Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação.** In: ZACCUR, E. (org.) *A magia da linguagem.* Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001a. 2ª Edição.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** In *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO.* ANPEd. N 19. Rio de Janeiro: ANPEd: Autores Associados, jan/fev/mar/abr.2002.p.20-28.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e máscaras.** 6.ed rev.amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LAJOLO, M. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense,1982.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2000.



MAGALHÃES. A. **letra do medonho é sua? Tecendo encontros e poesias na alfabetização das crianças.** 2018. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Ensino) - UFF - INFES.

MAGALHÃES A; CALLAI C. **Ensaiai leituras com as crianças na experiência do mundo.** 2020. No prelo.

MANEIRA, S.; MARTINS. C. **Uma tarde do barulho.** Belo Horizonte: Uni Duni ,2009.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MATOS, G. **A palavra do contador de histórias.** São Paulo: Martins Fontes,2005.

MATOS E SORCY. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar.** São Paulo: Martins fontes, 2005.

MORAIS, J.F.S. **Histórias e narrativas na educação infantil.** In: GARCIA, Regina Leite (org.). Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

OSTETO, ALBUQUERQUE, PARREIRA, SILVA. **Quer que eu leia com você? Refletindo sobre as práticas e os espaços de leitura para a educação infantil.** Niterói:Eduff, 2018.

PASSEGUI, M.C. Memorial de Formação. In Oliveira, D. A; Duarte, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.CDROM.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade.** Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto história, São Paulo, v14.?, n.14, p. 7- 39, fev. 1997.

REYES, Y. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância.**1. ed. São Paulo: Global,2010.

SERPA, A. **Pesquisa com o cotidiano: desafios e perspectivas.** In: Linhares; Garcia, R; Corrêa, C.H. **Cotidiano e formação de professores.** Brasília: Liber Livro, editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

## ANEXOS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

## Autorização para desenvolvimento de Pesquisa\*

AUTORIZO Ana Luísa Barros Cunha , mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Mestrado em Ensino, Linha de Pesquisa: Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), da Universidade Federal Fluminense (UFF), a desenvolver observações e coleta de escritas junto ao cotidiano escolar do “Instituto de Educação Santo Antônio” na turma da Pré-escola I . As observações e a coleta de escritas irão subsidiar o desenvolvimento de sua Pesquisa intitulada “Uma experiência no país das histórias: um encontro com a palavra mundo”. Estou ciente de que: a) as observações, bem como as escritas receberão tratamento pautado pelo respeito e pela ética; b) o emprego das observações e das escritas coletadas será a contribuição para com o desenvolvimento desta pesquisa, a inserção em publicações científicas; c) a pesquisadora estará à disposição para quaisquer esclarecimentos; d) receberei uma cópia deste “Termo de Consentimento”.

Assinam a Sra. Maria do Carmo Silva Ferreira - Vice Diretora “Instituto de Educação Santo Antônio”

---

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ana Luisa Barros Cunha - Professora “Instituto de Educação Santo Antônio”

---

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Santo Antônio de Pádua (RJ), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

\*Autorização para pesquisa em 2 vias: Escola e Pesquisadora. Email: anacunha@id.uf.br



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Autorização para desenvolvimento de Pesquisa\*

AUTORIZO Ana Luísa Barros Cunha , mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Mestrado em Ensino, Linha de Pesquisa: Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), da Universidade Federal Fluminense (UFF), a desenvolver observações e coleta de escritas junto ao cotidiano escolar do “Instituto de Educação Santo Antônio” na turma da Pré-escola I . As observações e a coleta de escritas irão subsidiar o desenvolvimento de sua Pesquisa intitulada “Um embarque nas histórias: o descarrilar das experiências”. Estou ciente de que: a) as observações, bem como as escritas receberão tratamento pautado pelo respeito e pela ética; b) o emprego das observações e das escritas coletadas será a contribuição para com o desenvolvimento desta pesquisa, a inserção em publicações científicas; c) a pesquisadora estará à disposição para quaisquer esclarecimentos; d) receberei uma cópia deste “Termo de Consentimento”.

Assinam a Sra. Maria do Carmo Silva Ferreira - Vice Diretora “Instituto de Educação Santo Antônio”

---

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ana Luísa Barros Cunha - Professora “Instituto de Educação Santo Antônio”

---

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Santo Antônio de Pádua (RJ), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\*Autorização para pesquisa em 2 vias: Escola e Pesquisadora. Email: [anacunha@id.uf.br](mailto:anacunha@id.uf.br)